

VALTER LUIZ PIEDADE NETO

Uma psicopatologia da longitudinalidade: contribuições de Karl
Jaspers para os desafios da psiquiatria contemporânea

Tese apresentada ao Curso de Pós-
Graduação da Faculdade de Ciências
Médicas da Santa Casa de São Paulo para
obtenção do Título de **Doutor** em
Ciências da Saúde.

SÃO PAULO

2026

VALTER LUIZ PIEDADE NETO

Uma psicopatologia da longitudinalidade: contribuições de Karl
Jaspers para os desafios da psiquiatria contemporânea

Tese apresentada ao Curso de Pós-
Graduação da Faculdade de Ciências
Médicas da Santa Casa de São Paulo para
obtenção do Título de **Doutor** em
Ciências da Saúde.

Área de Concentração: **Ciências da
saúde**

Orientador: **Prof. Dr. Guilherme Messas**

SÃO PAULO

2026

FICHA CATALOGRÁFICA

**Preparada pela Biblioteca Central da
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**

Piedade Neto, Valter Luiz

Uma psicopatologia da longitudinalidade: contribuições de Karl Jaspers para os desafios da psiquiatria contemporânea./ Valter Luiz Piedade Neto. São Paulo, 2026.

Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.

Área de Concentração: Ciências da Saúde

Orientador: Guilherme Peres Messas

1. Psicopatologia 2. Psiquiatria 3. Esquizofrenia 4. Personalidade 5. Saúde mental

BC-FCMSCSP/17-26

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que sofreram com a inefabilidade da esquizofrenia, em formas ricas ou frustes, que permitiram um estudo aprofundado em um mundo tão estranho e estimulador.

AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado não é um evento encerrado em si mesmo, mas o fruto de um longo processo de aquisição e sistematização de conhecimento. Não somente, é resultado (longitudinal, para falar como Jaspers) de uma vida de apaixonamento pela ciência e pela filosofia – algo que não acontece em isolamento, mas através das ações e dos encontros com as pessoas mais especiais e significativas de nossa vida. Longe de esgotar todos os que contribuíram para minha formação, as seguintes palavras são endereçadas àqueles que estiveram em cada passo desse longo processo.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Paulo e Simone, que me deram as condições materiais e espirituais para a curiosidade científica e uma vida repleta de afeto. Vocês nunca mediram esforços para preencher o meu quarto de livros, que me fizeram viajar para lugares muito mais distantes do que qualquer avião pode alcançar. Nada disso existiria sem vocês.

À minha irmã, Stefanie, que está comigo quase desde sempre e com quem descobri o prazer de ver filmes velhos e esquisitos, que ainda guiam meu gosto pessoal e, por que não, minha escolha pela psiquiatria.

À família do Colégio Rícaro, em especial a Rita e Silvia, presentes na minha trajetória desde a alfabetização e que me deram as ferramentas necessárias para uma vida acadêmica plena.

Ao meu professor e orientador Guilherme Messas, figura maior da psicopatologia, cujo espírito científico e ética de trabalho são as maiores inspirações que posso almejar. Pela generosidade em sempre me convidar aos mais altos voos da psiquiatria e por ter enxergado algum potencial em um estudante de medicina, com um mero desejo de apresentar um pôster em um congresso de psiquiatria.

Aos professores Ricardo Uchida e Marcelo Vieira Lopes, integrantes da banca de qualificação, que apontaram, com dedicação e gentileza, caminhos possíveis para enriquecer este trabalho. Aos professores Mariana Puchivailo, Danielle Bivanco e Gerson Brea, membros da banca examinadora de defesa, cuja leitura criteriosa e inestimáveis contribuições ampliaram o horizonte multidisciplinar desta tese.

À Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, local de formação científica de excelência e minha casa desde 2014. Em especial, ao Departamento de Saúde Mental, minha primeira casa profissional, onde aprendi as dores e as delícias de se tornar um psiquiatra.

A Julio Acurio, que em seus encontros me apresentou aos clássicos da psicopatologia, gigantes em cujos ombros nos apoiamos para enxergar mais longe.

A Saskia Ferreira, dedicada *Deutschlehrerin*, que por tantas aulas acompanhou um aluno iniciante em alemão em leituras herméticas do século XX sobre crimes, delírios de ciúmes e loucuras diversas. Se Caetano Veloso disse que “só é possível filosofar em alemão”, creio que o mesmo pode ser dito da psicopatologia.

A Clara Ramirez-Barat, pelas discussões filosóficas noite adentro e pelos pequenos *regalos* que só podemos encontrar em espanhol.

Aos amigos e colegas de profissão do Grupo de Pesquisa em Psicopatologia Fenomenológica, representantes maiores da fenomenologia brasileira. Em especial, a Jordy Tamura, com quem dividi as leituras Jaspersianas em uma mesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e em outros tantos eventos.

Aos amigos Fortes (Amanda Frias, Caio Schneider, Daniel Figueiredo, Flávio Guinsburg, Gabriela Arantes, Gabriela Fonseca, Giovana Leite, Isabela Maravalle e Marina Marcato), que desde o começo da faculdade viram minha excentricidade se

transformar em interesse pela psiquiatria – com alguns momentos de vacilo com a pediatria, mas jamais com a clínica médica.

Ao meu *Geistesbruder*, Luca Fasciolo Maschião, psiquiatra mais brilhante da nossa geração, parceiro de vida e espírito que me acompanha desde 2014 em cada passo intelectual, musical ou afetivo – e em longos áudios que valem por aulas inteiras.

A Nise da Silveira, psiquiatra brasileira rebelde, cuja história de vida inspirou o nome de uma certa cachorra, também com forte personalidade e companheirismo sem igual.

Por fim, à minha esposa e melhor amiga, Luísa Weichert, sem o qual nada disso seria possível. Companheira que escolhi para a vida, que me leva a viagens e mudanças inesperadas, que enche minha vida de sentido e que me lembra como uma vida de introspecção é também possível (e melhor) se for a dois.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CID-11 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 11ª revisão.

DSM-5-TR – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Ed. 5, Texto Revisado.

NIMH – Instituto Nacional de Saúde Mental (Estados Unidos).

OMS – Organização Mundial de Saúde.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 – A construção longitudinal da personalidade	46
Tabela 1 – Tipo real x tipo ideal	49
Tabela 2 – Caracterologia x biografia	50
Tabela 3 – Níveis e sentidos de incompreensibilidade para Karl Jaspers	79

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	1
2.	OBJETIVOS	9
2.1.	Objetivo geral	9
2.2.	Objetivos específicos	9
3.	METODOLOGIA E MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL	10
3.1.	Desenho de estudo	10
3.2.	Marco teórico-conceitual	11
4.	O PROJETO DA “PSICOPATOLOGIA GERAL”	14
4.1.	Notas biográficas	14
4.2.	O ambiente intelectual na publicação da “Psicopatologia Geral”	19
4.2.1.	A querela dos métodos	19
4.2.2.	A herança direta de Dilthey	25
4.2.3.	A herança indireta de Husserl.....	31
5.	SOBRE OS CONCEITOS DE PESSOA E PERSONALIDADE NA “PSICOPATOLOGIA GERAL”	38
5.1.	Preâmbulo	38
5.2.	Pessoa e personalidade na “Psicopatologia Geral”	39
5.3.	A construção longitudinal da personalidade.....	45
5.4.	O estudo empírico da pessoa e da personalidade	47
5.4.1.	Tipologia.....	47
5.4.2.	Biografia	49
5.5.	Por quê Jaspers ainda importa para pensarmos personalidades?.....	52
5.6.	Conclusão	54
6.	REAVALIANDO O “TEOREMA DA INCOMPREENSIBILIDADE” DA ESQUIZOFRENIA: UMA ABORDAGEM LONGITUDINAL	56
6.1.	Preâmbulo	56
6.2.	Primeiro nível: incompreensibilidade fenomenológica.....	58

6.2.1.	O teorema da incompreensibilidade de Jaspers	58
6.2.2.	Críticas ao teorema e os diferentes significados de fenomenologia e empatia 64	
6.3.	Segundo nível: incompreensibilidade biográfica	69
6.3.1.	Processo e desenvolvimento da personalidade.....	69
6.3.2.	Continuidade de sentido e incompreensibilidade biográfica.....	73
6.4.	Terceiro nível: incompreensibilidade existencial	77
6.5.	Discussão	78
7.	DISCUSSÃO	83
8.	CONCLUSÃO.....	90
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
	RESUMO	102
	ABSTRACT	103
	APÊNDICES	104

“I cannot experience your experience. You cannot experience my experience.

We are both invisible men. All men are invisible to one another.”

(R.D. Laing, “The Politics of Experience”)

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Não é novidade que a psiquiatria atual vive em um momento de crise paradigmática. O aumento expressivo na incidência e prevalência de transtornos mentais nos últimos anos, em especial após os anos da pandemia por Covid-19, traz alarme à sociedade civil e aos governos do mundo inteiro, sobretudo aos principais *stakeholders*, como pacientes com transtorno mentais, clínicos de diferentes profissões e gestores de saúde – como foi apontado em relatório da OMS (WHO, 2022). Segundo uma comissão organizada pelo periódico *The Lancet Psychiatry* (McGinty et al., 2024), haveria uma “lacuna entre saber e fazer” – isto é, um descompasso entre a pesquisa de intervenções empiricamente testadas (cuja eficácia é comprovada em torno de sistemas de modelagens e evidências) e a implementação dessas estratégias ao redor de políticas públicas, que não ocorre devido a gargalos como falta de financiamento e treinamento de equipe capacitada. Entretanto, uma análise crítica nos mostra que a crise da psiquiatria é mais profunda do que a mera implementação e diz respeito ao próprio paradigma de saúde mental (The Lancet Psychiatry, 2022). Curiosamente, essa crise se assemelha muito ao cenário da psiquiatria do início do século XX:

Os paralelos entre os dois períodos têm sido amplamente citados: ambos foram precedidos por um florescimento das ciências cerebrais objetivas; contudo, ambos foram marcados por crises de decepção com as falhas dessas respectivas ciências em proporcionar melhoras no atendimento clínico de linha de frente; e ambos testemunharam uma virada para a fenomenologia como resposta à crise (Messas et al., 2023) – tradução própria.

Nota-se como a cada ciclo histórico, as mesmas discussões fundamentais retornam ao debate, adquirindo novas formas de acordo com o estado da arte do

conhecimento científico atual. Em especial, cada paradigma de saúde mental procura dar conta, à sua maneira, da natureza dicotômica da psiquiatria, que é ao mesmo tempo uma ciência natural e uma ciência humana. Assim, temos a partir dos anos 1980, com a publicação do DSM-III, a retomada de um modelo predominantemente cerebralista das doenças mentais (evidenciado no mote do início do século, segundo o qual “doenças mentais são doenças do cérebro”) que persiste até hoje (Wakefield, 2022).

Nesse paradigma, não há uma preocupação em se definir os transtornos mentais em sua essência (ou seja, aquilo que caracteriza fundamentalmente a experiência da mania ou da esquizofrenia), mas sim uma visão pragmática e operacional de psicopatologia. Assim, transtornos mentais são descritos através de agrupamentos de sintomas, numa linguagem clara e codificada, cuja validade clínica é dada através de modelos estatísticos – ao passo em que sua explicação seria dada majoritariamente por seus aspectos biológicos, anatômicos e funcionais (Joober and Tabbane, 2019). Como resultado, temos uma simplificação da psicopatologia ao nível leigo, cujo desinteresse pela subjetividade tem levado a categorias diagnósticas inadequadas e inespecíficas e contribuído para a deformação da psiquiatria atual. Assim, têm-se uma “psiquiatria sem psiquê” (Parnas, 2014) e a progressiva morte da psicopatologia (Andreasen, 2007).

Tal paradigma, dominante há mais de 40 anos, dá seus sinais de desgaste, tornando-se insuficiente para as demandas sociais e científicas do novo século. Famosamente, Thomas Insel, diretor do NIMH americano e um dos maiores defensores da integração com a genética e as neurociências, lamentou o fracasso do modelo biomédico na psiquiatria, afirmando que a despeito de investimentos na casa de 20 bilhões de dólares, suas pesquisas ainda não se mostraram capazes de ajudar os pacientes (Barry, 2022). Não à toa, nota-se um retorno a autores do século passado que apontaram, à sua época, os limites de uma abordagem excessivamente biológica, sem

perder o espírito sistematizador científico. Essa tendência se expressa, sobretudo, em um renovado interesse pela fenomenologia (Fulford et al., 2022; Ritunnano et al., 2023; The Lancet Psychiatry, 2021).

Em suma, a Psicopatologia Fenomenológica pode ser entendida como o exame minucioso das vivências consideradas anormais ou patológicas, orientando-se àquilo que não é usualmente observável, mas primariamente experimentado pela pessoa (como atmosferas e sentimentos existenciais), promovendo assim uma compreensão mais aprofundada do que é viver com uma doença mental (Fuchs et al., 2019; Messas and Fulford, 2021). Ao mesmo tempo, a Psicopatologia Fenomenológica não se propõe a ser um método único e totalizante para a psicopatologia, que se mantém como um campo plural, com referenciais teóricos e bases metodológicas próprias. Tal multiplicidade de perspectivas, longe de ser uma fraqueza, mostra-se como a principal riqueza da psicopatologia, que, como descrito por Dalgalarondo (2019, p. 10), “requer debate constante e aprofundado, no qual não há e não pode haver uma teoria ou perspectiva amplamente hegemônica”. A fenomenologia pode assim cumprir um papel integrativo e translacional dentro da pesquisa psiquiátrica, permitindo acesso a dados mais confiáveis e específico sobre a experiência originária do transtorno mental, mas isso demanda uma clareza conceitual e uma linguagem em comum para todas as partes envolvidas, para evitarmos as tendências individualistas que fizeram a própria abordagem cair em desuso no passado (Larsen et al., 2022; Messas et al., 2023; Ritunnano et al., 2023).

Ao mesmo tempo, a crise atual não é mera repetição do período pré-guerras. O espírito do tempo atual demanda a participação ativa das próprias pessoas com transtornos mentais – agora chamados de “experts por experiência”, em contraponto aos “experts por formação” (psiquiatras e clínicos da saúde mental em geral) – e um enfoque menos patologizante de tratamento, que passa a ser guiado pela ideia de

recuperação e pelos valores da pessoa em questão (Baiausu and Messas, 2025; Kidd et al., 2022; Messas et al., 2023). Nesse sentido, uma discussão teórica ganha novos contornos: o problema da empatia e da compreensão de outras pessoas (Ritunnano, 2022; Spencer & Broome, 2023). Em um mundo que parece cada vez mais marcado por categorias fixas de identidade e por polaridades intransponíveis, conhecer a experiência do outro parece cada vez mais inacessível – sobretudo quando tratamos de experiências radicalmente distintas, ao ponto de serem quase inefáveis, como na esquizofrenia (Fusar-Poli et al., 2022).

Assim, percebemos que um novo paradigma de saúde mental precisa abordar aos menos três pontos fundamentais: (1) a recusa de um modelo exclusivamente naturalista, que reduza o ser humano a um mecanismo biológico; (2) a necessidade de integração entre diferentes saberes e ciências na psiquiatria, incluindo nisso a fenomenologia; e (3) o respeito à diversidade de vivências, sobretudo naquelas que sejam radicalmente diferentes, como os transtornos mentais graves. Sob esses olhares, o estudo de um autor em específico se torna premente. Trata-se do psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers, um dos maiores teóricos do campo psiquiátrico e o principal responsável por transformar a psicopatologia – o estudo sistemático de “vivências, estados mentais e padrões de comportamento que apresentam uma especificidade psicológica e conexões complexas com a psicologia do normal” (Dalgarrondo, 2019) – em uma ciência básica e autônoma.

A “Psicopatologia Geral” (Jaspers, 1997), sua obra fundamental na psiquiatria, foi lançada inicialmente em 1913 e ainda hoje reverbera nas mais ricas discussões sobre os conceitos e limites da psicopatologia. Seu objetivo era trazer alguma ordenação ao caos metodológico da psiquiatria, através da rigorosa descrição, definição e classificação de fenômenos mentais considerados anormais, de modo a “capacitar a

psiquiatria com um método válido e confiável para avaliar e dar sentido à subjetividade humana” (Stanghellini and Fuchs, 2013). Para tanto, Jaspers propõe uma sistematização de diferentes ciências e saberes, respeitando suas potencialidades e seus limites, até que se atinja o limite fundamental do próprio conhecimento científico: a existência, a liberdade e a transcendência, assuntos estritos da filosofia (Brea, 2025). Nessa integração metodológica, Jaspers nos permite enxergar o adoecimento mental em sua complexidade, ultrapassando reducionismos e preconceitos científicos que surgem ciclicamente no campo. Não apenas, ele nos alerta a todo o tempo dos limites da empatia e dos erros de tomarmos algumas vivências por garantidas, garantindo uma postura de humildade epistêmica diante da doença mental.

Fundamentalmente, emerge da “Psicopatologia Geral” uma concepção de ser humano que se torna útil para a psiquiatria, cuja síntese acontece em um conceito fundamental: a biografia ou a análise temporal de uma vida (Messas, 2025). Desperta em Jaspers, portanto, um sujeito histórico na psicopatologia, cuja personalidade se sedimenta com o passar do tempo, atravessando crises e fases (resultando em um desenvolvimento) ou uma profunda quebra (chamada por ele de processo). É justamente essa noção histórica, que contempla o ser humano em sua complexidade, que parece estar em falta ao paradigma atual.

A psiquiatria contemporânea usualmente privilegia os aspectos síncronos do fenômeno mental (a descrição do que está acontecendo no *agora* do paciente) sobre a sua diacronicidade, ou seja, sua gênese e evolução temporal (Sass, 2014). No DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2022), por exemplo, a esquizofrenia aparece descrita enquanto um conjunto de perturbações fundamentais, que acontecem nos domínios do juízo da realidade (delírios), da sensopercepção (alucinações), do pensamento (fala desorganizada), do comportamento (grosseiramente desorganizado ou

anormal) e da volição (abulia, associalidade e expressão emocional diminuída). A única menção (tímida e restrita) à temporalidade estaria na duração mínima de um mês de tais sintomas, se não tratados com sucesso.

A presente pesquisa se coloca, portanto, como um resgate dessa noção de história na psicopatologia – visão essa usualmente negligenciada, que deveria estar no centro do debate para uma reforma da psiquiatria. Compreendendo-se Karl Jaspers como o fundador dessa concepção, será realizado um recorte temático dentro de sua vasta obra (tanto em volume, quanto em diversidade de temas), destacando-se seus escritos psicopatológicos. O objetivo fundamental será destacar a importância da longitudinalidade e da análise biográfica dentro da sua psicopatologia, que será demonstrado na distinção fundamental entre desenvolvimento de personalidade e processo.

Inicialmente, será apresentada e contextualizada a obra psicopatológica de Karl Jaspers. Para tanto, seus textos serão analisados à luz da sua biografia e do restante da sua extensa produção filosófica. Tal etapa é importante, pois, para Jaspers, compreender o pensamento de um determinado autor é compreender o autor em si, de modo que é necessário um diálogo entre sua obra e sua história de vida (Vlasova, 2017). Não se trata, no entanto, de uma abordagem psychologizante, mas de uma maneira de trazer o autor à vida, de “destacar o histórico em contraposição ao geral abstrato”, como afirma o próprio autor (Jaspers, 1977). Assim, será realizada uma breve contextualização de sua vida, explorando acontecimentos biográficos relevantes e o *Zeitgeist* ao qual ele se insere – dando especial destaque à chamada “querela dos métodos” (momento histórico e intelectual de elaboração das ciências humanas enquanto campo autônomo do conhecimento) e à influência de dois filósofos fundamentais: Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl.

Em seguida, abordaremos uma questão fundamental na metodologia da “Psicopatologia Geral”: a diferenciação entre processo e desenvolvimento de uma personalidade. Tal questão será exposta ao longo de dois capítulos, que versam sobre transtornos de personalidade e esquizofrenia, respectivamente – duas temáticas de relevância contemporânea, para as quais a psiquiatria está longe de estabelecer um consenso. Vale salientar que cada capítulo se refere a um artigo publicado individualmente sobre o tema, de modo que alterações foram realizadas para manter a coerência interna do texto e evitar repetições desnecessárias. Ainda assim, cada capítulo contém um preâmbulo e uma conclusão própria, seguindo a estrutura dos periódicos científicos.

O primeiro capítulo deste grupo aborda os conceitos de pessoa e personalidade na “Psicopatologia Geral”. Essa discussão se mostrará importante, pois delimita os limites entre a tipicidade do transtorno (isto é, suas categorias diagnósticas e sua identificação em padrões gerais) e a unicidade da pessoa (que é singularmente diferente em cada indivíduo). Nessa seção, será apresentada a estrutura metodológica da “Psicopatologia Geral”, justificando suas subdivisões e estabelecendo um método de leitura entre as partes. Em seguida, a ideia de personalidade será conceituada como uma dialética entre duas forças antagônicas ao longo do tempo: a determinação biológica e a indeterminação existencial. Por fim, serão expostas as análises empíricas de personalidades realizadas por Jaspers, chamadas de tipologias e patografias, que serão comparadas aos modelos atuais de transtornos de personalidade.

O capítulo seguinte focará na questão da esquizofrenia, apresentando o famoso “teorema da incompreensibilidade”. Trata-se de um suposto abismo que haveria entre a experiência vivida da esquizofrenia e as demais vivências, que tornaria a primeira impossível de se compreender empaticamente. Tal teorema foi duramente criticado pela

tradição fenomenológica, sendo que essa discussão explicita diferentes significados de fenomenologia entre Jaspers e os demais psicopatologistas do movimento. No entanto, uma análise detida da obra do autor mostra que haveria ainda outros sentidos em que tal incompreensibilidade se mantém, uma vez que a esquizofrenia não seja avaliada transversalmente (como fechada à empatia), mas longitudinalmente, através da análise da biografia da pessoa. Assim, propõe-se uma reinterpretação do teorema em três níveis, que novamente dialoga com os desafios contemporâneos de construção de um caso clínico e com a reavaliação dos limites da empatia.

Ao final, tais resultados da revisão narrativa serão discutidos à luz dos desafios contemporâneos da clínica psiquiátrica, novamente retomando a importância da precisão conceitual, do rigor metodológico, da humildade epistêmica e do respeito à biografia como principal ferramenta de pesquisa do psicopatologista. Com isso, espera-se que a força e a atualidade do pensamento de Jaspers esteja justificada, auxiliando no resgate de uma tradição humanista da psiquiatria que mantenha a psicopatologia como uma ciência autônoma e rigorosa.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

- Investigar a questão da longitudinalidade na psicopatologia de Karl Jaspers, através de duas temáticas essenciais: a compreensibilidade do desenvolvimento da personalidade e incompreensibilidade do processo da esquizofrenia.

2.2. Objetivos específicos

- Analisar a “Psicopatologia Geral” em seu contexto histórico e epistemológico, sobretudo na influência de Dilthey e Husserl em sua estrutura metodológica.
- Comparar os entendimentos de “fenomenologia” e “empatia” para Jaspers e para a tradição da Psicopatologia Fenomenológica Estrutural.
- Aprofundar os diferentes sentidos em que o “teorema da incompreensibilidade da esquizofrenia” aparece na “Psicopatologia Geral”, sobretudo sob o ponto de vista da longitudinalidade.
- Reavaliar a relevância das patografias e dos casos clínicos para a psicopatologia contemporânea, à luz de Jaspers, resgatando a importância da análise longitudinal do caso.

3. METODOLOGIA E MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

3.1. *Desenho de estudo*

Em primeiro lugar, trata-se de um estudo cujo escopo geral se encontra dentro da história da ciência e, mais especificamente, da história da psiquiatria. Como objeto, temos a noção de longitudinalidade, tal como ela aparece na obra psicopatológica de Karl Jaspers. Essa pesquisa se guiará por uma lógica interna – isto é, a preocupação será sobretudo com a evolução de conceitos e problemas dentro da própria psicopatologia, dando menor ênfase aos fatores externos, como a influência de movimentos políticos, sociais e econômicos. Entretanto, não se trata de um internalismo ingênuo, pois o próprio Jaspers será interpretado em uma perspectiva histórica, à luz da tradição psicopatológica. A ideia é fazer o texto de Jaspers falar por si próprio, escutar o que ele tem a dizer para o nosso tempo, caracterizando assim uma fusão de horizontes, dentro de uma perspectiva hermenêutica (Schmidt, 2014).

Para tanto, optou-se por realizar um estudo qualitativo de revisão narrativa de literatura. A escolha por este modelo, ao contrário de uma revisão sistemática, dá-se pela natureza do objeto de estudo em si. Revisões sistemáticas em saúde são amplamente utilizadas para apoiar a prática clínica baseada em evidências, de modo a direcionar a elaboração de protocolos e diretrizes e a formulação de políticas públicas (Thomas et al., 2019). Trata-se de uma metodologia definida através de *guidelines* e que objetiva atingir um consenso ou realizar previsões acerca do objeto de estudo – no caso, responder perguntas como “qual modelo de psicoterapia teria a maior eficácia para esquizofrenia?” ou “a exposição a determinada substância aumenta o risco de desenvolvimento de esquizofrenia?”.

Uma revisão narrativa, por outro lado, propõe estabelecer o desenvolvimento ou estado da arte de um determinado assunto do ponto de vista teórico ou conceitual (Rother, 2007). Tal modelo é útil para uma temática mais aberta, na qual o conhecimento não é acumulável, nem esgotável. Reconhece-se que este modelo está mais sujeito à subjetividade e a vieses de seleção do autor e que se encontra abaixo de outros na pirâmide de evidência. Entretanto, dado que o objeto de estudo girará em torno de um único autor (no caso, Karl Jaspers), em diálogo com a tradição psicopatológica subsequente, e que trataremos em igual valor estudos de diferentes épocas e metodologias, julga-se este o método de pesquisa preferencial.

3.2. *Marco teórico-conceitual*

O presente estudo utiliza como marco teórico-conceitual a obra “Psicopatologia Geral”, de Karl Jaspers, que será posta em diálogo com a nosologia psiquiátrica contemporânea (representada sobretudo pelos manuais diagnósticos DSM e CID) e a chamada Psicopatologia Fenomenológica.

Como veremos a seguir, a psicopatologia enquanto ciência propriamente dita foi estabelecida com a publicação em 1913 da “Psicopatologia Geral” de Karl Jaspers, que se torna uma espécie de pai fundador da área. No entanto, a psicopatologia está longe de ser um campo uniforme. Ao contrário, podemos falar em diferentes *psicopatologias*, cada uma com referenciais teóricos e bases metodológicas próprias, como psicopatologia descritiva ou dinâmica, biológica ou sociocultural. De fundamental interesse será a corrente fenomenológica, cujas raízes podem ser traçadas até a obra de Karl Jaspers – embora, como será exposto ao longo do texto, não sem uma série de mal-entendidos e problemas conceituais.

Para o presente trabalho, será utilizada como referência a sétima e última edição da “Psicopatologia Geral”, publicada em alemão em 1959 e traduzida para o inglês em 1997 por J. Hoenig e Marian W. Hamilton. Essa explicitação é importante, pois a “Psicopatologia Geral” passou por inúmeras modificações ao longo dos anos – sobretudo a partir de sua quarta edição, publicada em 1946, na qual Jaspers teve o importante auxílio do psiquiatra alemão Kurt Schneider. Sobre tais modificações, o próprio Jaspers afirma que:

A intenção deste livro se manteve inalterada. No entanto, sua elaboração exigiu uma reescrita completa. Isso se deveu à extensa pesquisa realizada em psicopatologia nas últimas duas décadas e ao aprofundamento do meu próprio conhecimento básico (Jaspers, 1997, p. xix) – tradução própria.

Vemos assim que as diferentes edições da “Psicopatologia Geral” não configuram diferentes livros, mas sim um grande projeto que se mantém em aberto no decorrer da vida do autor. Entretanto, a historiografia Jaspersiana é bastante enfática em determinar de qual edição da “Psicopatologia Geral” um determinado trecho ou conceito se refere. O presente trabalho buscou ser o mais rigoroso possível nessa jornada, mas em poucos momentos serão contrapostas diferentes edições. Assim, toma-se a “Psicopatologia Geral” como um processo de maturação gradual que culmina na sétima edição (Messas, 2014), evitando assim mal-entendidos intrínsecos à obra de Jaspers. Ainda sobre esse assunto, as passagens que se referirem à edição de 1997 são traduções diretas da versão em inglês, visto que não há tradução para o português da última edição. Quando necessário esclarecer suas definições, alguns conceitos serão traduzidos, mantendo-se o original em alemão entre parênteses.

Por fim, também serão abordadas algumas das tensões internas da obra de Jaspers, correlacionando a “Psicopatologia Geral” aos seus escritos psicopatológicos

iniciais – compilados em um livro nos anos 1960 (Jaspers, 1963) – e algumas obras posteriores, como as patografias realizadas sobre August Strindberg e Vincent Van Gogh (Jaspers, 2001) e sua autobiografia filosófica (Jaspers, 1977)¹.

¹ Sobre as citações das obras de Jaspers: quando os textos foram traduzidos para o Brasil ou Portugal, optou-se pela descrição de seu título em português, com o original alemão entre parênteses. Ao contrário, quando não há tradução oficial na língua portuguesa, optou-se pela descrição de seu título em alemão, com uma tradução própria entre parênteses. Do mesmo modo, os trechos traduzidos pelo presente autor estão indicados nos parênteses das referências.

4. O PROJETO DA “PSICOPATOLOGIA GERAL”

4.1. *Notas biográficas*

É difícil mensurar o impacto que o psiquiatra e filósofo alemão Karl Theodor Jaspers (1883-1969) teve sob o pensamento germânico do século XX. Apesar de ter tido profunda influência no período pós-guerra, sua importância parece diminuída em relação a alguns de seus contemporâneos, como Martin Heidegger, talvez devido à pluralidade de sua trajetória acadêmica entre diferentes campos do saber, como a psicopatologia, a metafísica e a ética. Apesar dessa diversidade de perspectivas, a obra Jaspersiana está longe de ser fragmentária, sendo que muitos de seus conceitos reaparecem em diversas obras como *Leitmotiv* (leia-se, fio condutor): uma ardorosa defesa do humanismo, no qual se reconhece a unicidade e a dignidade da vida humana em prol de fórmulas que reduzam a sua complexidade a meros mecanismos e acidentes (Thornhill and Miron, 2022) e a separação entre ciência e filosofia, que são vistos como domínios distintos, mas de mútuo esclarecimento (Brea, 2025). Não à toa, tais temas estão presentes na sua biografia desde os primórdios da sua formação intelectual.

Jaspers nasceu em 23 de fevereiro de 1883 em Oldenburg, na Baixa Saxônia (região norte na Alemanha), filho de um banqueiro e político local. Recebeu, desde a infância, uma educação que lhe despertou interesses filosóficos diversos, muito por influência de seu pai, que o ensinou a manter com o mundo uma atitude cética e curiosa – em suas palavras, “um espírito de oposição” (Jaspers, 1977). Desde cedo, no entanto, o jovem Karl (carinhosamente chamado pelos pais e irmãos de Kally) adquiriu um certo ar de melancolia, numa infância e adolescência marcada por uma condição de tosse crônica e frequentes infecções de influenza que o levavam a uma profunda reclusão (Kirkbright, 2004).

Aos 17 anos, o jovem Karl já havia lido obras de Spinoza e Kant, além dos filósofos clássicos, mas, desapontado com o estudo formal da filosofia, decidiu estudar direito e logo se transferiu para a medicina, onde julgaria ter maior contato com o homem real (Kaufmann, 1957, chap. 7). Muito dessa escolha se deve à relação com o Dr. Albert Fraenkel, médico amigo da família que foi o responsável pelo seu diagnóstico de bronquiectasia crônica e insuficiência cardíaca secundária, com quem Jaspers manteve uma profunda relação de amizade e admiração. Impedido pela doença crônica de exercer normalmente as atividades da medicina, realizou boa parte de seus estudos formais de maneira autodidata, valendo-se da sua intuição e de capacidade de foco individual.

A despeito de passar por diferentes universidades durante os estudos de medicina (como Göttingen e München), Jaspers encontra sua vocação intelectual em Heidelberg, centro cultural da região de Baden-Württemberg e mais antiga universidade da Alemanha. Lá, Jaspers tem uma formação ampla que vai de cursos de filosofia até seminários com Emil Kraepelin, que reacende seu interesse por todas as ciências naturais e humanas. Seu amplo interesse pelo ser humano pode ser observado em passagens do seu diário: “Qualquer um pode descrever apenas um lado da natureza do homem, mas deve possuir uma ideia de como deve ser o todo” (Kirkbright, 2004, p. 24).

Em 1907, Jaspers conhece Gertrud Mayer (1879-1974), irmã de seu amigo mais próximo, o também estudante de medicina Ernst Mayer, e prima de Gustav Mayer, famoso historiador do marxismo. Com Gertrud, oriunda de família judia ortodoxa, ele encontra o companheirismo afetivo e intelectual que permitiu o deslanchar de sua carreira. Os dois se casaram em 1910 e assim permaneceram até a sua morte. Por toda a

vida, Jaspers reconheceu na companheira a principal interlocutora do seu filosofar, responsável inclusive pela revisão de suas obras escritas à mão.

Entre 1909 e 1915, Jaspers trabalha como pesquisador assistente na clínica psiquiátrica da Universidade de Heidelberg, na época notória por seus estudos em neuroanatomia e histologia cerebral sob o comando de Mayer-Gross e Franz Nissl, seu mentor intelectual. Sua tese de doutorado de 1909 – “*Heimweh und Verbrechen*” [Nostalgia e Crime] – abordava a relação entre saudades de casa e criminalidade, demonstrando o interesse em avaliar casos clínicos individuais, em contraste com o biologicismo reinante na época – ainda que dentro da esfera forense. Dentro de alguns anos, Jaspers ainda publicaria outros textos com base na descrição e análise meticulosa de material empírico (Jaspers, 1963). Desses, destacam-se os artigos “*Eifersuchtswahn. Ein Beitrag zur Frage: Entwicklung einer Persönlichkeit oder Prozeß*” [Delírio de ciúmes. Uma contribuição para a questão: Desenvolvimento de uma personalidade ou processo?], “*Die phänomenologische Forschungsrichtung in der Psychopathologie*” [A abordagem fenomenológica em psicopatologia], e “*Kausale und verständliche Zusammenhänge zwischen Schicksal und Psychose bei der Dementia praecox*” [Conexões causais e compreensíveis entre destino e psicose na demência precoce].

É nesse ambiente que, em 1913, Jaspers publica a “*Allgemeine Psychopathologie*” [Psicopatologia Geral]. Sua ideia era trazer alguma ordenação ao caos metodológico que existia na psiquiatria da época, através da rigorosa descrição, definição e classificação de fenômenos mentais considerados anormais, de modo a “capacitar a psiquiatria com um método válido e confiável para avaliar e dar sentido à subjetividade humana” (Stanghellini and Fuchs, 2013). Influenciado por intelectuais diversos como Wilhelm Dilthey, Edmund Husserl e Max Weber, Jaspers lançou as

bases do que seria mais tarde entendido como psicopatologia fenomenológica, ainda que com uma série de distanciamentos históricos (Bormuth, 2019; Ghaemi, 2007).

Impedido de trabalhar plenamente como clínico, devido a condição de bronquiectasia, Jaspers volta-se aos livros de filosofia e se aproxima cada vez do pensamento existencial de Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche. Na sua busca por compreender o todo do homem, Jaspers gradualmente (embora nunca totalmente) abandonaria a psiquiatria em prol de uma cadeira enquanto professor de psicologia em Heidelberg, mais tarde transacionando de vez para a filosofia em 1922². Ainda que sua carreira enquanto psiquiatra tenha sido de curtíssima duração, seu impacto no campo da psicopatologia foi profundo e muitas de suas considerações persistem como ricos debates até hoje.

O livro que marca este período de transição, que chamaremos de sua “virada existencial”, chama-se “*Psychologie der Weltanschauungen*” [Psicologia das Visões de Mundo] (1967), publicado inicialmente em 1919 e prontamente um sucesso editorial. Já nessa obra, percebe-se um esforço de Jaspers em compreender as diversas maneiras como os homens se enxergam e se relacionam com o mundo. Mais do que isso, trata-se de uma recusa ao “caráter absoluto de qualquer doutrina e [que], em seu lugar, coloca uma relatividade universal, onde cada conteúdo filosófico específico se torna um meio para o filosofar individual” (Arendt, 2008). Tal publicação, no imediato período entre guerras, demonstra um esforço de compreensão mútua e reconhecimento das diferenças, ao passo em que se mantém a raiz comum do humanismo. Outra publicação dessa transição é “*Strindberg und Van Gogh*” [Strindberg e Van Gogh] (2001) de 1922, no

² Vale frisar que psicologia, para Jaspers, tem um sentido diverso da psicologia de sua época (isto é, a psicologia experimental de Wundt ou o neokantismo de Wiedelband). Trata-se da contemplação universal do homem (ou do espírito), em todas suas possibilidades, sendo assim uma abordagem filosófica mais próxima dos trabalhos de Hegel ou Nietzsche.

qual o autor estuda a relação entre loucura e genialidade de artistas diversos, como os próprios August Strindberg e Vincent Van Gogh.

O período seguinte se mostra fecundo em suas contribuições acadêmicas, ainda que escasso em número de publicações. Atua como orientador para o doutorado em filosofia de Hannah Arendt em 1929, em uma tese acerca do amor para Santo Agostinho. Em 1932, publica a trilogia “*Philosophie*” [Filosofia], considerada por muitos sua verdadeira *magnum opus* (Jaspers, 1956). Inspirado por Hegel, Jaspers busca acompanhar a evolução do conhecimento humano ao longo da história, sendo cada volume destinado a um estágio específico da humanidade. Aqui, o autor desenvolve seus principais conceitos filosóficos, como as situações-limite (já apresentadas no livro sobre visões de mundo), nos quais Jaspers reafirma sua preocupação com o ser humano empírico e o filosofar autêntico.

Com a ascensão do nazismo em 1933, Jaspers foi banido do debate público e expulso de sua cátedra universitária, uma vez que sua esposa tinha origens judias. Por mais de uma década, o casal conviveu com o medo de serem deportados para um campo de concentração, passando por momentos de profunda reclusão física e intelectual. Após tentativas fracassadas de emigraram para o Reino Unido ou para a Suíça e com o recrudescimento das políticas antissemitas, o casal Jaspers concorda em cometer suicídio, se a segurança de Gertrud estivesse em perigo (Kirkbright, 2004, p. 143). Tal pacto não foi cumprido devido a libertação da região de Heidelberg pelas forças aliadas em 1945. Vale ressaltar que em 1931, seu irmão mais novo, Enno, ex-combatente do lado alemão na Primeira Guerra Mundial, havia cometido suicídio após diferentes fracassos amorosos e financeiros.

Sua proscrição, entretanto, mostrou-se positiva após o término da Segunda Guerra. Por recusar-se a colaborar com o regime nazista, Jaspers tornou-se uma figura

central na reconstrução da Alemanha pós-guerra, tomando um papel de intelectual público e filósofo popular. Dessa época, destacam-se duas obras de 1946: “*Die Idee der Universität*” [A ideia da universidade], onde ele remonta o ambiente acadêmico como uma comunidade livre em busca da verdade e “*Die Schuldfrage*” [A questão da culpa], na qual ele investiga as possibilidades de culpa imposta a cada alemão nos crimes do Holocausto (Jaspers, 2021a, 2018).

Desiludido com os rumos que a sociedade alemã tomava, Jaspers decide emigrar para a Universidade da Basileia em 1948, futuramente tornando-se cidadão suíço. Segue publicando obras de impacto sobre a história do pensamento e da filosofia, como “*Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*” [Da origem e do objetivo da história] em 1949, na qual introduz o conceito da era Axial – o período entre os séculos VIII e III a.C. que viu o surgimento de figuras como Confúcio, Buda, Zaratustra, os profetas palestinos e os filósofos gregos (Jaspers, 2021b). Em comum a todos está a recusa em aceitar interpretações mitológicas, voltando-se ao pensamento racional de diversas fontes e a encarar de frente a condição humana, de modo que o homem se torna enfim consciente da história (Jaspers, 1953).

Jaspers morre em 26 de fevereiro de 1969, pouco após seu aniversário de 86 anos. Sua esposa Gertrude falece em 1974, aos 95 anos. Seu legado pode ser visto em retrospecto na forma de belos memoriais escritos por sua discípula Hannah Arendt e em livros comemorativos a sua obra psicológica e filosófica.

4.2. O ambiente intelectual na publicação da “*Psicopatologia Geral*”

4.2.1. A querela dos métodos

Antes de avaliarmos a epistemologia da “*Psicopatologia Geral*”, é necessário entender o contexto em que Jaspers e sua obra se inserem. As transformações

econômicas, políticas e sociais promovidas pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, iniciadas ainda no século XVIII, fizeram com que o ser humano passasse a ser compreendido como um ser histórico, agente de mudanças sociais, e que a própria sociedade pudesse ser reconstruída – e interpretada – racionalmente. Assim, o espírito do tempo demandava o estabelecimento de saberes científicos que refletissem sobre tamanhas mudanças e eventos sociais, seja numa perspectiva crítica ou conservadora (Musse, 2012).

O final do século XIX testemunhou, então, uma proliferação de métodos investigativos quanto a fenômenos humanos complexos, entre os quais podemos destacar a psicologia de Wilhelm Wundt (1832-1920) e a sociologia de Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920). Era o nascimento das chamadas ciências humanas ou ciências do espírito (em alemão, *Geisteswissenschaften*), que surgiam em contraposição às ciências da natureza (em alemão, *Naturwissenschaften*), como a física, química e biologia. Para tal campo, entretanto, ainda não havia sido bem formulada uma epistemologia, levando assim a uma “anarquia de sistemas filosóficos” (Dilthey, 1992, p. 5) que se manifestava em duas tendências.

Por um lado, têm-se um pensamento de forte viés naturalista, cuja maior expressão estaria no pensamento positivista de Auguste Comte (1798-1857), que tomava por empréstimo os métodos das ciências naturais para explicar fenômenos essencialmente humanos, como a sociedade (não à toa, sua ciência era denominada de “física social”). Sua pedra fundacional seria a ideia de que o funcionamento da sociedade seria regido por leis possíveis de serem determinadas, de maneira análoga às leis do mundo natural. Na psicologia, tal corrente estaria ancorada na “doutrina de paralelismo entre os processos nervosos e os processos espirituais (isto é, mentais), doutrina essa segundo a qual os fatos espirituais mais poderosos não são senão

manifestações colaterais de nossa vida corporal” (Dilthey, 2011, p. 28). Por outro lado, outras correntes buscavam compreender fenômenos humanos através da determinação de componentes não apenas fisiológicos, mas estritamente psicológicos. Herdeiros do pensamento filosófico de James Mill (1773-1836) e John Stuart Mill (1806-1873), tais pensadores criavam uma psicologia baseada na decomposição e composição de elementos perceptivos, que gerariam processos mentais como ideias e sentimentos.

Embora divergentes quanto ao nível de análise – naturalista-social em Comte, psíquico em Mill – ambas as tradições permanecem inscritas no mesmo paradigma explicativo moderno, buscando reduzir os fenômenos humanos a cadeias causais determináveis inequívocas entre os fatos psíquicos observáveis e seus mecanismos funcionantes de base. Ambas se inscrevem, portanto, num grande projeto chamado por Dilthey de “psicologia explicativa” (Dilthey, 2011, chap. 3).

A mesma situação se apresentava na incipiente psicopatologia do início do século. Como já descrito, Jaspers atuou entre 1908 e 1915 na Clínica de Psiquiatria em Heidelberg, na época dirigida pelo psiquiatra Franz Nissl (1860-1919), um eminente investigador de histologia cerebral que esteve envolvido com Alois Alzheimer (1864-1915) na elaboração da patologia das demências corticais. Nesse ambiente, imperava o princípio de Wilhelm Griesinger (1817-1868), para a qual “todas as doenças mentais são doenças do cérebro”, resultando num aparente descrédito da clínica psiquiátrica (a observação de sinais e sintomas ao longo de um determinado curso) em prol da neuroanatomia. Observa-se aqui a forte inspiração positivista-naturalista da psiquiatria na época, exposto no laço entre a fisiologia e a psicologia.

Talvez o mais significativo e extremo exemplo deste paradigma seja o localizacionismo de Carl Wernicke (1848-1905). Tendo por base a descoberta das causas anatômicas da afasia – um distúrbio de linguagem resultante de lesões cerebrais

(como acidentes vasculares, tumores ou traumas) em regiões específicas do cérebro – Wernicke estipulou, por contiguidade, que “todos os elementos e conexões da vida psíquica seriam idênticos aos elementos e estruturas do cérebro. A psiquê se tornou espacialmente representada” (Jaspers, 1997, p. 534). Cada conceito psicopatológico deveria, sobretudo, relacionar-se a um arco reflexo específico, que seria explicado em termos de irritação ou inibição de certos locais do cérebro. Assim, toda a vida psíquica seria resumida em movimentos do aparelho nervoso e motor³. Quando tal postulado encontrava seus limites (por exemplo, na descrição de quadros psicóticos para os quais não havia uma evidente causa orgânica pré-estabelecida), a psiquiatria clássica seguia a clínica descritiva de Emil Kraepelin (1856-1926).

A maior preocupação da clínica Kraepeliniana era a determinação de entidades-nosológicas, isto é, o estabelecimento de “quadros clínicos de doenças que tenham causas semelhantes, uma forma psicológica semelhante, desenvolvimento e curso semelhantes, desfecho semelhante e patologia cerebral semelhante” (Jaspers, 1997, p. 566). Para tanto, Kraepelin se valia, sobretudo, da rígida e abrangente observação dos doentes ao longo do tempo, ou seja, no curso da doença ao longo da vida. Somente com tais ferramentas foi possível ao autor a distinção fundamental de dois tipos de psicoses não-orgânicas: a psicose maníaco-depressiva (que incluía quadros com um melhor prognóstico ao longo do tempo, como as doenças afetivas e a loucura circular) e a demência precoce, que agrupava as doenças de pior prognóstico, como a demência paranoide, hebefrenia e catatonia – posteriormente denominada esquizofrenia, pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939). Com isso, o objetivo da psicopatologia da época era um só:

³ No entanto, como o próprio Jaspers percebe, o projeto de Wernicke não abdica totalmente de conceitos puramente psicológicos, que ainda hoje não encontraram paralelo na fisiologia e anatomia. Por exemplo, Wernicke foi responsável pela criação de termos como “perplexidade” e “orientação autopsíquica e alopsíquica” (Jaspers, 1997, p. 536).

Distinguiam-se os cursos biográficos como evolução de uma personalidade que, por um lado, ia mudando de maneira inteligível através das diferentes fases da vida e, por outro lado, os processos pelos quais uma ruptura repentina determinava uma mudança radical da pessoa por causas desconhecidas, as quais se atribuía uma natureza orgânica (Jaspers, 1977, p. 20) – tradução própria.

Tratava-se, portanto, de uma psicologia sem alma. Por um lado, buscava-se relações causais e teorias naturalistas para determinar as doenças; por outro lado, descreviam-se todos os sinais clínicos possíveis de uma doença, sem, no entanto, estabelecer suas causas. No campo institucional dominante, as alternativas mais visíveis de orientação psicológica eram duas: a ainda incipiente psicanálise e os experimentos psicológicos desenvolvidos pela psicologia de Wundt, que visavam estudar funções básicas da consciência, como percepção e atenção, compreendidas enquanto processos psíquicos fundamentais, passíveis de análise controlada (Danziger, 1979).

Na psiquiatria, a psicanálise floresceu especialmente na escola suíça dentro do hospital de Burghölzli – que inclui o próprio Eugen Bleuler, diretor do hospital, e seu médico-assistente, Carl Jung (1875-1961). Havia nesse meio uma preocupação em encontrar possíveis sentidos psicológicos de sintomas psicóticos, assim como Freud havia realizado com os sintomas neuróticos e histéricos, de modo a evitar referências diretas ao cérebro. Tal empreendimento pode ser observado na própria formulação de esquizofrenia segundo Bleuler, que seria determinada não mais pelo curso, mas pelo mecanismo psicológico de cisão (em alemão, *Spaltung*)⁴. Através de um conflito inconsciente, haveria uma fragmentação da unidade psíquica, na qual afeto, pensamento e vontade deixariam de se articular corretamente, resultando nos diferentes sintomas que

⁴ Famosamente, a própria origem etimológica de “esquizofrenia” (do grego, *schizein* ou cisão) remete à ideia de ruptura ou fragmentação.

caracterizariam o “grupo das esquizofrenias” (Bleuler, 1911; Tamura and Messas, 2023).

Desde seus primeiros contatos com a psicanálise, Jaspers já percebia uma forte tendência naturalista e determinista, sendo a vida psíquica expressa em termos mecânicos de quantidade e movimento: “ele [Freud] é o médico que só pode buscar a compreensão psicológica por meio de teorias baseadas das ciências naturais” (Jaspers, 1997, p. 538)⁵. Por outro lado, Jaspers lançava mão, em seu trabalho como psiquiatra forense⁶, de testes psicológicos inspirados pela perspectiva Wundtiana, como mensurações da “curva de trabalho entre fadiga e recuperação e investigações dos efeitos de medicamentos, álcool, chá, etc.” (Jaspers, 1977), mas não aceitava suas bases epistemológicas de maneira acrítica. Para Jaspers, ainda que opostas entre si, ambas partilhavam de um desejo absolutizante, escapando assim à compreensão do homem como um todo (Jaspers, 1997, p. 546).

Acima de tudo, sobressaía na psiquiatria clássica um sentimento de ceticismo terapêutico, exposto na ideia de que não havia muito o que ser feito aos doentes. As clínicas psiquiátricas se mostravam estabelecimentos singulares, cada vez mais higiênicos e magníficos para os pacientes, cujas vidas eram gerenciadas e tuteladas, mas não modificadas. Se a prática era empobrecida, a teoria não era por menos, marcada por uma proliferação de palavras e cisões entre escolas para as quais havia pouco acordo.

É neste contexto que Jaspers é convidado pela editora Springer-Verlag em 1911 a escrever uma “Psicopatologia Geral”, sob a tarefa de ordenar os dados e promover ao máximo a consciência metodológica. Já em seus escritos iniciais de psicopatologia, que

⁵ Provavelmente, a principal crítica de Jaspers a Freud seria a confusão entre aquilo que é compreensível e aquilo que é explicável: “Freud utiliza conexões significativas como base para construir teorias sobre as causas originais de todo o curso da vida psíquica, enquanto a compreensão do sentido [*meaning*], por sua natureza, jamais poderá conduzir a uma teoria” (Jaspers, 1997, p. 539).

⁶ Visto que sua doença crônica o impedia de trabalhar efetivamente como médico assistente na clínica psiquiátrica, Jaspers era solicitado a realizar pareceres de casos clínicos para seguradoras e tribunais de justiça.

precedem em tempo e temática o lançamento de sua *magnum-opus*, Jaspers se preocupava com “o papel da compreensão, a necessidade e elaboração conceitual e a importância decisiva da empatia na atividade psicológica e psicopatológica” (Brea, 2025). A ideia de uma psicopatologia geral, portanto, deve abordar esses assuntos principais, servindo como guia ao clínico que queira atravessar as distintas formas nas quais os fenômenos mentais se apresentam, sem reduzi-las a um único denominador comum (Jaspers, 1997, p. 6). Trata-se, nas palavras do próprio autor, de “proporcionar clareza conceitual sobre o que se sabe, da maneira como se sabe e sobre o que não se sabe” (Jaspers, 1977, p. 25). Assim, a “Psicopatologia Geral” se mostra herdeira da tradição crítica de Immanuel Kant (Walker, 1993).

Metodologicamente, no entanto, o trabalho de Jaspers é devedor direto de dois filósofos fundamentais do final do século XIX e início do século XX: o alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) e o tcheco-alemão Edmund Husserl (1859-1938) e suas correspondentes escolas filosóficas, a hermenêutica e a fenomenologia, respectivamente. A influência de ambos os filósofos – e de outros autores contemporâneos, como Max Weber (1864-1920) – foi detalhada de maneira compreensiva por Kumazaki (2013a, 2013b), apontando pontos de convergência e divergência entre os autores. Aqui, no entanto, focaremos apenas em um resgate histórico que servirá como base teórica para as divergências dentro do campo da psicopatologia fenomenológica a respeito da personalidade e da esquizofrenia.

4.2.2. *A herança direta de Dilthey*

Podemos resumir o grande projeto filosófico de Dilthey como o estabelecimento de uma epistemologia própria para as ciências humanas que reconhecesse sua natureza distinta, de modo análogo à fundamentação que Kant havia feito para as ciências naturais. Se as primeiras tinham o mundo natural como solo em comum, as segundas

deveriam, analogamente, serem fundamentadas em uma psicologia comum a todos os homens viventes, que permitisse a referência a uma conexão psíquica inequívoca: “As ligações, que economia, direito, religião, arte e saber experimentam entre si e com a organização externa da sociedade humana, só podem se tornar compreensíveis a partir da conexão psíquica abrangente e uniforme” (Dilthey, 2011, p. 35).

Como exposto anteriormente, Dilthey era especialmente crítico das tendências naturalistas da psicologia, que importavam métodos ou analogias próprias da química ou da física para a investigação de fenômenos psíquicos, como o caso da doutrina do paralelismo entre processos nervosos/fisiológicos e espirituais (Dilthey, 2011, p. 27)⁷. Essa distinção estaria fundamentada, sobretudo, na maneira como as ciências humanas e naturais investigam seus objetos:

As ciências naturais possuem fatos em relação aos seus objetos, que aparecem na consciência como dados de fora, como fenômenos e como dados de maneira particular; por outro lado, nas ciências humanas, eles surgem mais originariamente de maneira interna, como realidade e como uma conexão viva (Dilthey, 2011, p. 29).

Em outras palavras, os fatos da natureza seriam *explicados*, enquanto a vida psíquica seria *compreendida*. Como explicitado por Schmidt, “as ciências naturais explicam um fenômeno através de sua subordinação a leis causais universais (...) as ciências humanas compreendem os significados mentais ou espirituais que são expressos em sinais externos e empíricos” (Schmidt, 2014, p. 60). Se nas primeiras, busca-se uma exatidão, estabelecida enquanto um nexo causal regido por leis universais,

⁷ No caso, Dilthey se refere à psicologia explicativa que teve início no século XVIII com James e John Stuart Mill, desenvolveu-se com Spencer e se ramificou até os limites com Wundt. Segundo ele, “a insolubilidade do problema metafísico da relação do mundo espiritual com o corpóreo impede a realização pura e simples de um conhecimento causal seguro nessa área” (Dilthey, 2011, p. 27).

nas segundas busca-se uma significação, dada por um nexó vital e psíquico comum aos homens.

Haveria assim um horizonte de sentido compartilhado que permite a interpretação de comportamentos humanos. Mas qual seria esse alicerce comum ao qual todos os homens se referem? Se as ciências naturais se baseiam na observação do mundo sensível para construir suas relações causais, as ciências humanas deveriam ser fundamentadas na chamada “vivência” (em alemão, *Erlebnis*)⁸. Trata-se do mundo próprio dos homens e por eles habitado, que em seu caráter compartilhado permite a comparação entre diferentes fenômenos. Desse modo, as relações entre fatos não se dão por meios naturais (como, por exemplo, na relação entre matéria e energia), mas através de estruturas de sentido, afetos e motivações compartilhados no interior da vida histórica. A vivência seria, portanto, o todo no qual cada nexó psíquico se manifesta:

Justamente o fato de vivermos na consciência da conexão do todo torna possível para nós compreendermos uma única proposição, um gesto particular ou uma ação particular. Todo o pensamento psicológico possui este traço fundamental de que a apreensão do todo possibilita e determina a expressão do particular (Dilthey, 2011, p. 68).

Para Dilthey, o fato de convivermos em um mesmo mundo torna possível a interpretação de obras ou realizações de diferentes pessoas em diferentes épocas, já que sempre podemos, através da empatia e da imaginação, nos colocarmos na situação do outro e interpretarmos o mundo tal qual ele o fez (Schmidt, 2014, chap. 2). É, portanto, tarefa de uma psicologia descritiva e analítica (que ele opõe a uma psicologia

⁸ No presente trabalho, optou-se pelo uso de “vivência” ao invés de sua tradução usual, “experiência”. Segundo o dicionário *Langenscheidt*, tanto *Erfahrung* quanto *Erlebnis* podem ser traduzidas por experiência. Historicamente, no entanto, a tradição filosófica reservou a primeira para experiência no sentido das ciências naturais (como um experimento científico) e a segunda enquanto uma experiência vivenciada (algo que aconteceu a um sujeito). As traduções francesas e americanas normalmente se referem à *Erlebnis* como “experiência vivida” (em francês, *expérience vécue*; em inglês, *lived experience*). Julgamos que a distinção entre vivência e experiência em português demarca essa diferença de maneira mais satisfatória.

explicativa) decompor esse nexos psíquico em elementos individuais, que por sua vez permitam uma sistematização do conhecimento e a formulação de hipóteses. Em suas palavras:

Parte-se do homem cultural desenvolvido. Descreve-se o nexos de sua vida psíquica, deixa-se ver de maneira tão clara quanto possível os principais fenômenos dessa vida com todos os recursos de uma atualização artística, analisam-se os nexos particulares contidos nessa conexão abrangente (...) Em seguida, a psicologia torna-se o instrumento do historiador, do economista, do político e do teólogo: em seguida, ela também poderá guiar o observador do homem e o indivíduo prático (Dilthey, 2011, p. 48).

Jaspers se vale desse *ethos* para pensar a psicopatologia. No artigo “A abordagem fenomenológica na psicopatologia” (1968), publicado originalmente em 1912, Jaspers introduz muitas das questões que se apareceriam na “Psicopatologia Geral”, publicada um ano depois⁹. Este prelúdio já evidencia sua inspiração Diltheyana (Kumazaki, 2013a, 2013b), que se tornaria explícita em uma nota de rodapé na última edição da “Psicopatologia Geral”, quando Jaspers reconhece que seus escritos “foram recebidos como algo radicalmente novo, embora tudo o que eu tivesse feito foi conectar a realidade psiquiátrica com a tradição das humanidades” (Jaspers, 1997, p. 302).

Essa herança da hermenêutica de Dilthey se expressa no reconhecimento da dupla natureza da psiquiatria – isto é, uma ciência mista entre as ciências naturais e as ciências humanas. Isso demanda portanto duas metodologias investigativas independentes, que dizem respeito às diferentes maneiras como os fenômenos mentais aparecem ao clínico: externamente e internamente.

⁹ O artigo “*Die phänomenologische Forschungsrichtung in der Psychopathologie*” foi originalmente publicado em 1912 na *Zeitschrift für die Neurologie und Psychiatrie*. Para consulta, usaremos como base a tradução para o inglês de 1968, publicada no *British Journal of Psychiatry*.

Os fenômenos externos (ou objetivos) seriam observáveis através da percepção e da racionalidade, como na psicologia da performance e na psicossomática. Tais métodos buscam estabelecer relações de causalidade entre os fenômenos - isto é, leis gerais que, através de experimentos e observações repetidas, permitam a inferência de um resultado previsível. Dividem-se, assim, entre aqueles que são (1) alvos diretos dos órgãos do sentido, como a análise dos reflexos e comportamentos de uma pessoa ou sua expressão verbal e fisionômica; e (2) possíveis de serem mensurados de forma racional através de testes de performance, como a capacidade de memória ou trabalho. Jaspers dá a esses o nome de “explicação” ou “psicologia explicativa” (em alemão, *Erklärende Psychologie*).

Já os fenômenos internos (ou subjetivos) seriam aqueles não propriamente observáveis (isto é, medidos através de ferramentas extrapsíquicas, como a percepção e a racionalidade), mas atingíveis diretamente pela consciência, aproximando-nos da experiência psíquica em si. Tomemos, por exemplo, a expressão de uma emoção complexa como o medo. A sua compreensão não se dá por uma elaboração intelectual ou pela mera apreensão dos órgãos do sentido, mas sim por um compartilhamento de emoções e afetos – ainda que seja impossível nos separarmos da percepção sensorial imediata, uma vez que dependemos da visão para enxergarmos a fisionomia e o comportamento de uma pessoa. Nesse sentido, não observamos uma emoção, mas somos capturados por ela, transferidos para a psique de outra pessoa.

Jaspers chama a capacidade de nos transferir para a experiência de outra pessoa de empatia (em alemão, *Einfühlung*). Ela teria origem em nossa experiência vivida e em nossa capacidade de autorreflexão, implicando, portanto, na convivência em um mundo compartilhado (em alemão, *Miterleben*). Somente porque temos um solo em comum para os acontecimentos psíquicos que podemos comparar diferentes experiências (de

forma análoga ao mundo natural para as ciências duras) e posso inferir que, o que aconteceu com você, também pode acontecer comigo. Ao contrário dos fenômenos objetivos, sua análise não visa estabelecer leis gerais que possam explicar e prever o comportamento humano (visto que ele é infinito em suas possibilidades), mas analisar os modos em que algo aparece à consciência. Por isso, Jaspers chama esse método de “compreensão” ou “psicologia compreensiva” (em alemão, *Verstehende Psychologie*).

Em resumo:

(1) Mergulhamos nas situações psicológicas e compreendemos geneticamente pela empatia como um evento psíquico emerge de outro. (2) Descobrimos, por experiência repetida, que um número de fenômenos está regularmente ligado entre si e assim explicamos causalmente (Jaspers, 1997, p. 301) – tradução própria.

No entanto, Jaspers não se resume a mera aplicação da psicologia descritiva de Dilthey, visto que seu conceito de compreensão (*Verstehen*) é um tanto diferente. Conforme descrito por Kumazaki (2013a), algumas diferenças metodológicas surgem entre os autores: em primeiro lugar, Jaspers é mais ambivalente quanto às possibilidades de compreensão (o que se torna explícito na discussão sobre a esquizofrenia), enquanto Dilthey é mais inequívoco dela enquanto método; em segundo lugar, o foco na empatia como ferramenta básica para a compreensão é trazido somente por Jaspers – provavelmente por influência da obra de Theodor Lipps, cujo trabalho sobre estética e beleza levou a concepção de uma ferramenta que permitisse aos homens ligar suas experiências com as de outras pessoas¹⁰.

Em resumo, a herança de Dilthey é bastante explícita na obra de Jaspers, ainda que passe por algumas modificações metodológicas. Jaspers toma de empréstimo a

¹⁰ Inclusive, a escolha das palavras em alemão para empatia demarca os diferentes conceitos entre autores. No caso, Dilthey usa o termo *Nacherleben* para se referir a uma transferência entre perspectivas, enquanto Jaspers e Lipps usam o já citado termo *Einfühlung*.

distinção entre as ciências naturais e humanas, ou seja, entre o explicar e o compreender, de modo que a psicopatologia se valeria de ambas as metodologias de investigação para se aproximar do todo psíquico. Enquanto na psicologia explicativa, valeriam as leis naturais, a percepção direta dos fenômenos e a experimentação sistemática, na psicologia compreensiva toma-se por base a vivência em um mundo de sentido compartilhado, a empatia como ferramenta básica de investigação e a rigorosa descrição de fenômenos individuais. Adiante, veremos como essas duas metodologias se correlacionam e, sobretudo, as diferenças a respeito da empatia como método fundamental da compreensão.

4.2.3. *A herança indireta de Husserl*

A diferença entre as psicologias explicativa e compreensiva, no entanto, é apenas uma das muitas inovações que Jaspers trouxe à psicopatologia em seus escritos psiquiátricos. Acontece que, se a psicologia explicativa tinha já seus métodos bem estabelecidos (isto é, o estudo da hereditariedade, da fisiologia e da anatomia), a psicologia compreensiva ainda carecia de uma ciência básica para investigação desses fenômenos psíquicos individuais. No já citado artigo de 1912 (Jaspers, 1968) e ao longo das diferentes edições da “Psicopatologia Geral”, Jaspers apresenta a “fenomenologia” como esse método para a investigação subjetiva, que permite “ver os eventos psíquicos por dentro” de sua subjetividade. Em suas palavras:

Fenomenologia é o estudo que descreve as experiências subjetivas dos pacientes e tudo o mais que existe ou aparece dentro de seu campo de consciência. Esses dados *subjetivos* contrastam com outros fenômenos objetivos, obtidos por métodos de testes de desempenho, observação do estado somático ou avaliação do que as expressões e ações dos pacientes possam significar. (Jaspers, 1997, p. 53) – tradução própria.

Trata-se do trabalho de “representar, definir e classificar fenômenos psíquicos” (Jaspers, 1968, p. 1314) e apresentá-los para nossa observação e análise – ou “oferecer uma descrição concreta dos estados psíquicos que os pacientes realmente vivenciam e os apresentar para observação” (Jaspers, 1997, p. 55). A fenomenologia, sendo uma ciência das experiências subjetivas (fenômenos esses que ocorrem internamente e que não podem ser observados externamente, como no mundo natural), demanda uma espécie de representação para a investigação científica sistemática, de modo que se possibilite a descrição dos fenômenos e a análise de sua repetição e intercambialidade, determinando aquilo que é único ou típico para cada fenômeno. Assim, ela tem como base as autodescrições dos pacientes, que poderiam ser evocadas ou testadas ao longo de uma conversa ou avaliação clínica. Para que este processo seja o mais fidedigno possível, é preciso que o clínico tenha ao menos duas atitudes fundamentais: algum tipo de confiança no relato do paciente (o que pode variar de indivíduo para indivíduo) e um certo ceticismo em relação a pressupostos teóricos e interpretações pré-estabelecidas (Jaspers, 1997, pp. 55–6). Somente assim se torna possível apreender, com maior naturalidade e imparcialidade, os fenômenos psíquicos tais como eles aparecem em si mesmos.

Desse modo, vê-se que a fenomenologia para Jaspers é uma ciência bastante restrita e determinada: sua preocupação é com aquilo que aparece diretamente à consciência da pessoa, e nada mais. Mesmo a investigação de outras formas de expressão da consciência, que poderiam indicar aspectos da subjetividade, como a atividade motora e as criações artísticas de uma pessoa, são determinados por Jaspers como fenômenos objetivos (ainda que significativos) e que devem ser estudados por outras ciências (Jaspers, 1997, p. 252).

Acontece que, o uso da palavra “fenomenologia” é muito mais antigo e remonta ao menos a Hegel, que a determinava enquanto “todo o campo dos fenômenos mentais revelado na consciência, na história e no pensamento conceitual” (Jaspers, 1997, p. 55). Mais importante ainda (sendo essa uma das principais fontes de confusão) é a fenomenologia enquanto uma disciplina filosófica inaugurada e desenvolvida pelos trabalhos de Edmund Husserl, contemporaneamente à publicação da “Psicopatologia Geral”.

Partindo de um ponto de partida próximo de Dilthey, Husserl também buscava fundamentar as ciências em torno da vivência, mas seu principal objetivo era construir uma ciência primordial ou apriorística (Husserl, 2021). Por *a priori*, Husserl não quer dizer uma ciência cronologicamente antecedente às demais, mas uma ciência que estude as suas condições de possibilidade – isto é, o fundamento de todas as ciências, aquilo sem o qual nenhuma vivência poderia aparecer enquanto tal. Tal projeto pode ser resumido no famoso mote de Husserl, propondo um retorno “às coisas elas mesmas”. Ao contrário das demais ciências empíricas (como a física e a biologia), que seriam baseadas na observação de fatos, em experimentos controlados e na formulação de leis probabilísticas, a fenomenologia seria uma ciência das essências ou eidética (em alemão, *Wesenwissenschaft*): sua preocupação não é com os fatos concretos e individuais da experiência, mas com as condições de possibilidade que torna cada um deles possível (Husserl, 2020). Assim, segundo Husserl, isso seria atingido:

(...) através da reflexão que, ao invés de captar pura e simplesmente as coisas, os valores, as finalidades, as utilidades, captamos as correspondentes vivências subjetivas nas quais estas *aparecem* para nós em um sentido muito amplo. Todos eles são, portanto, denominados *fenômenos* (Husserl, 2022, p. 89).

Como resultado, a fenomenologia traria o desvelamento do chamado *mundo da vida* (em alemão, *Lebenswelt*): o mundo tomado como garantido na vida diária, que acontece ao nível da nossa experiência e que não é mediado por conhecimento ou pressuposições científicas (Zahavi, 2018). Trata-se assim de um mundo fundamentalmente distinto do mundo natural, que é o mundo ao qual as ciências se referem. Para tanto, parte-se da noção de intencionalidade, que reconhece a consciência não como um espaço existente de maneira independente dos objetos, mas como um processo ativo interdependente deles – ou seja, que *a consciência é sempre consciência de algo* (Cerbone, 2014). Assim, investigar os atos da consciência é também investigar os fenômenos, compreendidos enquanto aquilo que aparece à consciência, indo além da mera aparição do mundo natural (por exemplo, em fenômenos físico-químicos). Tal investigação se daria em duas etapas fundamentais (Zahavi, 2018):

- (1) a *epoché* ou suspensão de juízos – a atitude de colocar nossa evidente confiança quanto à certeza da ciência e da objetividade do senso comum “entre parênteses” (ou temporariamente suspensos);
- (2) a redução eidética – a busca pela estrutura invariável de um objeto, performada através de variações imaginativas. Nela, imagina-se um objeto variando em suas características; se ao remover uma característica, o objeto se mantém o mesmo, ela é accidental; se ao remover uma característica, o objeto se desfaz, ela é a essência (ou *eidos*).

Evidentemente, tal definição de fenomenologia difere um tanto da proposta por Jaspers. Na época da primeira edição da “Psicopatologia Geral”, em 1913, Husserl ainda iniciava o desenvolvimento de seu projeto fenomenológico – um trabalho que

levaria adiante por toda a vida – tendo publicado os dois volumes de “Investigações Lógicas” em 1900 e o primeiro volume de “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica” em 1913. A própria noção de *Lebenswelt* só seria tematizada no segundo volume de “Ideias”, publicado postumamente. Trabalhos posteriores de fundamental importância, como “Ser e Tempo” de Martin Heidegger e “Fenomenologia da Percepção”, de Maurice Merleau-Ponty, ainda estavam longe de serem concebidos. Como comentado por Sass (2013), isso nos ajuda a compreender algumas confusões e equívocos acerca das diferentes concepções de fenomenologia.

Em suma, a discordância entre Jaspers e Husserl sobre a fenomenologia está relacionada principalmente à rejeição da etapa eidética da pesquisa: enquanto as intenções de Husserl eram buscar a essência de cada objeto do conhecimento, por meio de métodos de suspensão de suposições e crenças pré-estabelecidas (*epoché*) e a realização de variações imaginativas, Jaspers permaneceu enquadrado em um método de descrição rigorosa dos fenômenos mentais, constituindo portanto uma ciência empírica (Aragona, 2019; Kumazaki, 2013a, 2013b; Stanghellini and Aragona, 2016).

Jaspers reconhece tais diferenças em algumas passagens da sua obra psicopatológica. É sabido que Jaspers correspondeu-se com Husserl em 1911 e 1912 – ou seja, quando ainda era psiquiatra – e que Husserl lhe respondeu positivamente sobre o desenvolvimento de sua psicopatologia, indicando haver pontos de convergência nos fundamentos de ambas as fenomenologias. Entretanto, Husserl é mencionado apenas uma vez no artigo de 1912, em uma passagem onde Jaspers reconhece que outros psicopatologistas, como Kandinsky, já haviam publicado livros com uma abordagem fenomenológica – que careciam, no entanto, do rigor sistemático fornecido por Husserl em sua pesquisa psicológica (Jaspers, 1968, p. 1314). Sobre suas divergências, Jaspers esclarece (em uma nota de rodapé da “Psicopatologia Geral”) que:

Husserl inicialmente usou o termo no sentido de uma ‘psicologia descritiva’, em conexão com os fenômenos da consciência; dessa forma, ele também se aplica às nossas próprias investigações, mas posteriormente ele também o usou no sentido de ‘aparecimento das coisas’ (em alemão, *Wesensschau*), que não é um termo que usamos neste livro. Fenomenologia para nós é puramente um método empírico de investigação, mantido apenas pela comunicação dos pacientes (Jaspers, 1997, p. 55) – tradução própria.

Desse modo, podemos dizer que a fenomenologia de Jaspers ainda estava relacionada a um modo “estático” de compressão psíquica: a mera descrição dos estados e modos de consciência e, na psicopatologia, a delimitação da experiência anormal¹¹. Trata-se de “um método empírico de investigação, atingido somente pela comunicação com o paciente” (Jaspers, 1997, p. 55), uma etapa inicial de investigação para a experiência subjetiva. Sobre esse assunto, uma passagem bastante elucidativa pode ser encontrada na sua “Autobiografia Filosófica”:

Adotei, como método, a fenomenologia de Husserl, inicialmente denominada por ele de psicologia descritiva. Continuava valendo-me dela, ainda que repudiasse seu posterior desenvolvimento como apreensão de essências. (...) Por outro lado, Dilthey havia oposto à psicologia que explicava teoricamente a ‘psicologia descritiva e analítica’. Assumi como minha essa tarefa, denominando-a ‘psicologia compreensiva’ e elaborei os procedimentos desde muito empregado, e usados de maneira singular por Freud, que em contraste com o fenômeno experimentado de modo imediato, permitiam captar as conexões genéticas do psíquico, as referências a um sentido e as motivações (Jaspers, 1977) – tradução própria.

¹¹ A própria organização textual da PG delimita esse espaço reduzido. Como veremos a seguir, o capítulo dedicado à fenomenologia, “fenômenos subjetivos da vida psíquica mórbida”, divide seção com outras formas de avaliação psicológica, como a psicologia da performance e a psicossomática.

Assim, fica difícil defender uma influência direta de Husserl sobre Jaspers¹², ao contrário do que acontece com Dilthey – ainda que Jaspers e Husserl possam compartilhar de algumas noções básicas, como intuição, descrição e a ausência de pressuposições (Wiggins and Schwartz, 1995).

¹² Esta também é a posição expressa por Arthur Tatossian no livro “A fenomenologia das psicoses” (Tatossian, 2006).

5. SOBRE OS CONCEITOS DE PESSOA E PERSONALIDADE NA “PSICOPATOLOGIA GERAL”

5.1. Preâmbulo

Falar sobre a noção de pessoa e personalidade na psiquiatria é remontar a uma questão fundamental da história da filosofia ocidental: o problema dos universais e dos particulares. Na psicopatologia, essa tensão reaparece na relação entre a tipicidade do transtorno (suas categorias diagnósticas, que buscam identificar padrões gerais de transtorno) e a unidade da pessoa (manifesta na forma particular de apresentação e evolução de cada caso clínico). Tal debate está longe de ser ultrapassado e se mostra mais vivo do que nunca, como no recente chamado por uma “personalização do tratamento psiquiátrico” (McGinty et al., 2024; The Lancet Psychiatry, 2022) e no desenvolvimento de ferramentas de estadiamento que complexifiquem o diagnóstico nosológico (Leucht et al., 2024; Nelson et al., 2020; Dan J Stein et al., 2022).

Para isso, portanto, torna-se premente termos em mãos boas definições de pessoa e personalidade, antes mesmo de estabelecermos seus transtornos. Algumas dessas definições podem ser encontradas na obra fundamental do psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers, a “Psicopatologia Geral”. Ao longo do texto, Jaspers oferece, senão respostas, ao menos formulações melhores para a questão da personalização do tratamento – ou seja, de que modo é possível uma ciência do particular na psicopatologia. O presente trabalho visa resgatar o entendimento do autor para essa questão.

Para tanto, seguiremos as seguintes etapas: primeiro, apresentaremos os conceitos de pessoa e personalidade para Jaspers e sua inserção no edifício teórico da “Psicopatologia Geral”; em seguida, mostraremos como a personalidade se forma ao

longo do tempo (demonstrando sua estrutura diacrônica) e seus métodos empíricos de investigação (i.e., caracterologia e biografia); por fim, realizaremos uma síntese dos achados e sua contextualização com o debate contemporâneo sobre transtornos de personalidade.

5.2. Pessoa e personalidade na “Psicopatologia Geral”

A diferenciação entre pessoa e personalidade é um dos mais importantes debates da “Psicopatologia Geral”, sendo reflexo de uma discussão ainda mais abrangente sobre as fronteiras entre o conhecimento científico psicopatológico e a investigação filosófica do homem. Tamanha premência é demonstrada já na introdução da obra, quando Jaspers avisa o leitor sobre os perigos de se confundir a psiquiatria, enquanto prática clínica, da psicopatologia, sua ciência básica.

Psiquiatras lidam com indivíduos reais e concretos, com o ser humano como um todo, enquanto psicopatologistas lidam com seus conceitos e tipos - uma visão, portanto, parcial do homem. Assim, a psiquiatria aborda a pessoa; um indivíduo empírico e único que pode ser um paciente que está à sua frente, um sujeito para o qual se testemunha diante da justiça ou uma figura que viveu em determinado momento da história. Já a psicopatologia, enquanto ciência, aborda a personalidade: um conceito ou um tipo de interesse científico, retirado da abrangência da realidade, para o qual se torna possível saber, reconhecer, descrever e analisar princípios gerais (Jaspers, 1997, pp. 1–6).

O conhecimento psicopatológico é, portanto, sempre limitado, pois (nas palavras de Jaspers) “quanto mais reduzimos [o ser humano] ao que é típico e normativo, quanto mais percebemos que há algo escondido em cada indivíduo que desafia seu reconhecimento” (Jaspers, 1997, p. 1). Este aviso é importante, pois Jaspers mostra-se o

tempo todo cético quanto às possibilidades de que uma única ciência individual possa, sozinha, atingir uma verdade universalmente válida sobre a psique. Para tanto, torna-se necessário uma organização de métodos epistemologicamente distintos, cuja reunião aludiria ao todo – um projeto de “pluralismo metodológico”.

Em suma, o projeto da “Psicopatologia Geral” visa ordenar a psicopatologia ao redor de suas diferentes metodologias, sendo que cada uma apresenta diferentes pressupostos e epistemologias. Desde a primeira edição lançada em 1913, cada uma das subdivisões foi pensada seguindo uma lógica estrutural, sendo que as ciências individuais estabelecem relações hierárquicas ou complementares entre si. Assim, um estudo atento sobre os conteúdos ou passagens específicas demanda uma constante articulação com a obra como um todo. Por isso, tomaremos alguns espaços para avaliar sua estrutura metodológica¹³.

A obra é dividida em seis partes, as quais se organizam em um edifício teórico ascendente em níveis de complexidade, entendido aqui como graus de articulação com o todo da vida psíquica. Cada parte corresponde a um modo de apreensão dos fenômenos psíquicos, respeitando ainda a natureza dual da psicopatologia, enquanto ciência híbrida entre as ciências humanas e da natureza.

Primeiramente, têm-se os “fenômenos psíquicos individuais” (parte I). Esses correspondem aos dados básicos com que o psicopatologista trabalha, podendo ser comparados com os tijolos do edifício teórico. Tais dados são divididos entre fenômenos subjetivos e objetivos. Os primeiros teriam como ciência básica a fenomenologia, ou a descrição da experiência subjetiva dos pacientes, que teria por base a empatia. Ainda a fenomenologia é subdividida em articulações com o todo, que neste caso corresponde ao estado de consciência da pessoa – no caso, a consciência anormal

¹³ Tomaremos por referência a tradução inglesa de 1997, referente à sétima edição da “Psicopatologia Geral”.

de objetos (como alterações de sensopercepção), da realidade (como delírios), do próprio corpo e de si mesmo (aprofundando as noções de orientação de si, enquanto alterações da unidade, da identidade e da atividade do eu, assim como a oposição do eu com o mundo).

Já os fenômenos objetivos são atingidos por métodos racionais distintos, sendo eles: (1) a psicologia da performance (em alemão, *Leistungspsychologie*), que mensura a inteligência, a memória e as capacidades cognitivas gerais do paciente; (2) a psicologia somática (em alemão, *Somatopsychologie*), que estuda os fenômenos físicos que interferem na vida psíquica, mas que não carregam nenhum sentido psicológico (sendo portanto incompreensíveis em origem); e (3) as psicologias do sentido, que estudam fenômenos psíquicos que são estritamente significativos – isto é, carregam um significado psicológico e podem ser compreendidos empaticamente. Essas últimas se dividem, por sua vez, em (a) psicologia da expressão (em alemão, *Ausdruckspsychologie*), (b) psicologia do mundo pessoal (em alemão, *Weltpsychologie*) e (c) psicologia da criatividade (em alemão, *Werkpsychologie*).

Tais ciências são sobretudo descrições estáticas de fatos psíquicos, interessadas sobretudo “em descrever os fatos que se apresentam para nós, mas a questão que constantemente surge é qual pode ser a origem deste ou daquele fenômeno e com o que mais ele pode estar relacionado” (Jaspers, 1997, p. 301). Assim, torna-se necessário estabelecer um conhecimento das conexões entre os fatos psíquicos, isto é, de que maneira eles se ligam uns aos outros. Jaspers as divide em dois grupos: por um lado, as conexões compreensíveis ou psicologia compreensiva (parte II), método próprio das ciências humanas, que aborda motivos e razões; por outro lado, as conexões causais ou psicologia explicativa (parte III), método relacionado às ciências da natureza, que visa estabelecer causas biológicas. No caso, a primeira ciência (isto é, psicologia

compreensiva) pode ainda ser chamada de “compreensão genética”, uma vez que expõe como um evento psíquico emerge um do outro, em contraste com a fenomenologia ou “compreensão estática” (Jaspers, 1997, p. 307).

Os dados até então reunidos, e que foram explicados causalmente ou compreendidos em seus motivos, são agregados em grandes estudos da pessoa, que se orientam pela “vida psíquica como um todo” (parte IV) – o grau máximo de apreensão científica do ser humano. Nessa etapa de síntese, Jaspers elabora três possíveis todos que podem ser apreendidos: (1) a nosologia (em alemão, *Nosologie*), que sintetiza os achados individuais em entidades de doenças; (2) a eidologia (em alemão, *Eidologie*), que aborda o ser humano enquanto estrutura psicofísica; e (3) o estudo biográfico (em alemão, *Biographik*), que olha para o homem do ponto de vista histórico, em seu desenvolvimento pessoal.

Essas considerações metodológicas demonstram que a “Psicopatologia Geral” é construída ao redor de uma série de pares de opostos: objetivo e subjetivo, explicar e compreender, razão e empatia. A pessoa emerge, portanto, da interrelação entre tais opostos. No entanto, ela não se constitui enquanto uma imagem caleidoscópica, na qual um padrão de formas se modifica aleatoriamente com as mudanças de posição de cada perspectiva – pelo contrário, tais relações se constituem de maneira estritamente ordenada. Segundo Messas (2023), tais relações se estabelecem na forma de dialéticas verticais e horizontais, diferenciadas entre si:

- (1) Primeiro, existem as ciências que estabelecem uma dialética horizontal, estando dentro do mesmo nível de complexidade. Tratam-se, portanto, de métodos hierarquicamente equivalente, mas oriundos de domínios (e fundamentos epistemológicos) distintos. Nesse caso, predomina uma

determinação antitética, isto é, uma ciência aponta o limite da outra. É o caso, por exemplo, da relação entre a psicologia explicativa e compreensiva, fundamentada na oposição entre explicar e compreender.

- (2) Segundo, existem as ciências que estabelecem uma dialética vertical, estando dentro de um mesmo domínio (por exemplo, enquanto compreensão ou explicação), mas que correspondem a diferentes níveis de complexidade (novamente entendida aqui como quantidade de articulações com o todo). Nessas, não há uma determinação antitética, mas sublacional, no sentido de síntese, de modo que uma teria precedência à outra. É o caso, por exemplo, da relação entre a fenomenologia e a psicologia compreensiva.

Agora, a noção de pessoa se amplifica: não é apenas uma imagem caleidoscópica aleatória, mas a totalidade da reunião de todas as dialéticas – síntese ao qual Jaspers chama de “vida psíquica”. Nota-se, portanto, que há uma tensão constante entre o todo e as partes na “Psicopatologia Geral” (Messas, 2014). A própria fenomenologia, para a qual Jaspers é usualmente tomado como pai fundador na psicopatologia, seria assim apenas uma parcialidade, que corresponde por sua vez a um todo específico, como todas as demais ciências¹⁴. Mais do que isso, cada fato individual é interconectado: “não há um único fato que não pode ser modificado por outro fato isolado e pelo todo, e não há nenhum todo que não consiste em fatos individuais” (Jaspers, 1997, p. 750). Mesmo esses “todos”, no entanto, não correspondem ao ser humano como um todo, mas apenas aludem a ele – e é justamente um erro costumaz da psicopatologia transformá-los em absoluto.

¹⁴ Assim, o todo da fenomenologia seria o estado de consciência; da performance, a inteligência; das conexões compreensíveis, a personalidade; das conexões causais, as teorias; da nosologia, a entidade-doença; da eidologia, a constituição; e da biografia, a vida como um todo (Jaspers, 1997, p. 750).

Isso explicita o caráter pluralista da “Psicopatologia Geral” e a humildade epistêmica imbuída no pensamento do autor. Jaspers é bastante cético quanto às possibilidades de que uma ciência individual possa, sozinha, atingir uma verdade universalmente válida, por isso se torna necessário sistematizar o conhecimento e reunir diferentes métodos para compreender a pessoa como um todo. Ainda assim, a investigação psicopatológica demanda um modelo de pessoa que seja tipificável, restringindo suas possibilidades sem renunciar a sua complexidade. É aqui que surge o já citado conceito correlato de personalidade.

Uma busca no índice remissivo da obra nos mostrará que a personalidade está ligada sobretudo à psicologia compreensiva, ou o estudo das “conexões compreensíveis” (em alemão, *verständlichen Zusammenhänge*). Aqui, estamos falando novamente da distinção entre explicar e compreender, entre o humano e o natural. Conexões compreensíveis seriam tudo aquilo passível de ser compreendido através somente da empatia, sem a necessidade de uma explicação ou teoria (que Jaspers denomina de mecanismos extraconscientes) - ou seja, internamente e não externamente à psiquê. Isto é, apenas com nossas ferramentas básicas de compreensão, podemos compreender como um evento psíquico emerge de outro, traçando assim uma psicologia genética. É o caso, por exemplo, de compreendermos uma pessoa que ficou com raiva após ser atacada por outra - neste caso, não há necessidade de ferramentas externas para compreender este fato (como mecanismos neurofuncionais), mas somente a nossa capacidade empática para encontrar seus motivos.

A investigação das conexões compreensíveis prossegue até que seja possível reconstruir a personalidade, conceituada enquanto “totalidade individualmente diferente e característica de conexões compreensíveis em qualquer vida psíquica” (Jaspers, 1997, p. 428). Trata-se assim da expressão de um todo que pode ser decomposto em partes

individuais, cada qual determinada por uma ciência específica: desde mecanismos mais básicos, como a fenomenologia (ou a vivência subjetiva) e a expressão individual objetiva (fisionomia), até a capacidade de reflexão da pessoa, exposta enquanto suas reações, valores e ações.

5.3. A construção longitudinal da personalidade

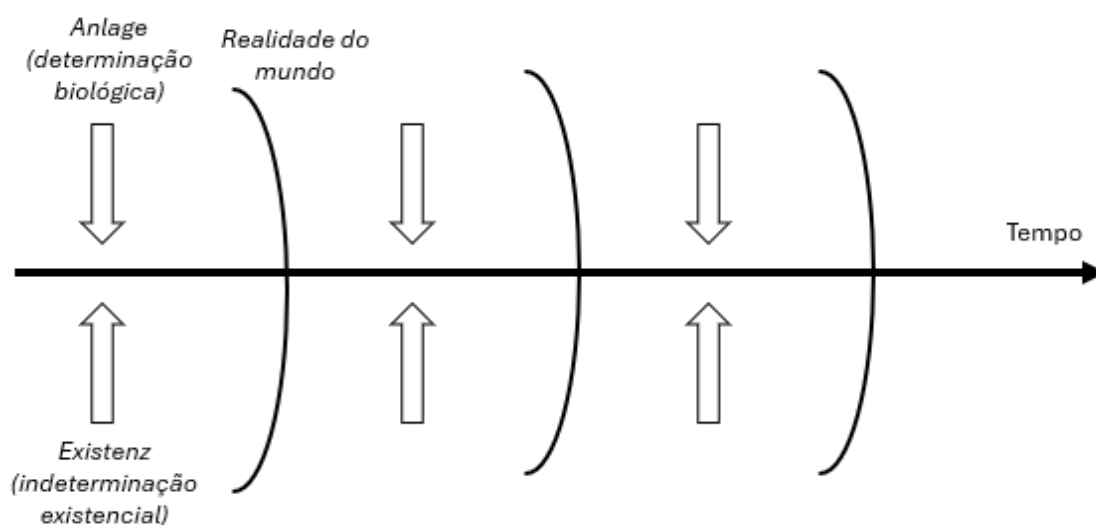
Tendo estabelecido, até agora, o conceito de personalidade, veremos como ela se constrói longitudinalmente. Para Jaspers, a personalidade é uma autocriação do homem em seu tempo, um desenvolvimento longitudinal marcado pela ação de duas forças motrizes antagônicas:

- (1) De um lado, uma estrutura biologicamente determinada, a qual Jaspers chama de *Anlage* ou disposição. Trata-se de soma de todas as pré-condições endógenas da vida psíquica, condições essas que incluem aspectos orgânicos (como limitações genéticas ou doenças de base) e constitutivos (como caráter e temperamento). Tal *Anlage* não pode ser compreendida empaticamente, mas somente explicada através da variação individual e da herança genética.
- (2) Por outro lado, a liberdade do indivíduo enquanto Existência (em alemão, *Existenz*), que tampouco pode ser compreendida.

A ambos, sobrepõe-se a realidade do mundo, “que avança sobre cada indivíduo e determina sua vida desde o nascimento” (Jaspers, 1997, p. 430). Aqui, entra em jogo a contingência histórica, a herança cultural e o destino ou acaso como limitadores da infinita potencialidade do homem. Assim, o meio (ou *milieu*) ao qual a pessoa se insere

exerce um papel fundamental na sua constituição, de modo que “nenhum evento psíquico é condicionado somente pela *Anlage*, mas há sempre uma interação entre uma *Anlage* particular com condições e eventos externos específicos” (Jaspers, 1997, p. 456). Uma possível síntese da evolução diacrônica da personalidade pode ser esquematizada conforme a seguinte figura:

Figura 1: A construção longitudinal da personalidade.



Assim, a personalidade surge como uma síntese entre a determinação biológica e a indeterminação existencial e quanto a nenhuma delas é possível compreender. Nas palavras de Jaspers:

(...) a personalidade é constituída por eventos e manifestações psíquicas na medida em que estes apontam para além de si mesmos, [em direção a] um contexto único e totalmente compreensível, que é vivenciado como tal por um indivíduo que está claramente consciente de seu próprio eu particular (Jaspers, 1997, p. 429) – tradução própria.

5.4. O estudo empírico da pessoa e da personalidade

Até agora, podemos visualizar a noção de pessoa em Jaspers, sobretudo em sua expressão enquanto conceito de personalidade. No entanto, a psicopatologia é uma práxis que demanda uma constante articulação entre a teoria (filosoficamente informada) e a ação clínica, tornando necessária a avaliação da personalidade. Vejamos então o que Jaspers tem a dizer sobre as suas possibilidades de estudo empírico – isto é, como a psicologia compreensiva serve de método para análise de uma pessoa.

5.4.1. Tipologia

Antes de tudo, entramos em contato com as pessoas reais e formamos uma série de ideias a respeito delas. Cada pessoa é uma forma única e individual a partir da qual formamos um conceito. Aqui, não importa somente as pessoas que conhecemos diretamente, mas também aqueles que entramos em contato indiretamente: as figuras históricas, os personagens de literatura, os poetas e artistas etc. Cabe ao psicopatologista enquanto cientista, no entanto, conceitualizar e trazer alguma ordem sistemática às observações empíricas diversas. Assim, parte-se dessas observações e das repetições de características fundamentais para a formação de alguns tipos (em alemão, *Typus*).

Não obstante, a psicopatologia se preocupa em construir uma tipologia ou caracterologia (em alemão, *Charakterologie*), compreendido aqui como o conhecimento empírico e sistematizado da personalidade. Trata-se da tentativa de encontrar algo típico nessas personalidades para o qual pode ser feita alguma formulação geral. Segundo Jaspers: “Nós formamos a propriedade e todas as suas consequências em um construto e, ao observá-lo como um todo, reconhecemos que se trata de algo obviamente conectado” (Jaspers, 1997, p. 434). Essas propriedades individuais são, claro, as

conexões compreensíveis de um indivíduo, suas reações, expressões e comportamento, estudadas pela psicologia compreensiva, que se torna assim a ciência fundamental do estudo de personalidade.

Tais tipos, no entanto, permanecem como “tipos ideais”, mesmo que tenham sido concebidos a partir do exame minucioso de pessoas reais. Aqui, Jaspers dialoga diretamente com o sociólogo alemão Max Weber, um de seus mentores intelectuais, que estabelece um tipo ideal como uma acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, que não pode ser encontrado empiricamente em nenhum lugar da realidade (Kumazaki, 2013a, 2013b; Walker, 2014). Assim, sua aplicação nunca é plena, apenas parcial: um indivíduo real vai sempre se enquadrar mais ou menos dentro de um tipo ideal¹⁵.

Os tipos ideais se opõem aos “tipos reais ou genéricos”, que surgem ou como desvios ou variantes da normalidade estatística (o caso das personalidades psicopáticas de Kurt Schneider) ou como resultantes de um processo biológico conhecido (o caso da paralisia geral sífilítica). Ao contrário do tipo ideal, um tipo real seria empiricamente encontrável na realidade, permitindo uma classificação clara, com o estabelecimento de uma sintomatologia, curso, etiologia e marcadores em comum.

Em suma, os tipos ideais seriam úteis para aquilo que é compreensível, ou seja, para os momentos em que podemos falar em personalidade, ao passo em que os tipos reais estariam no oposto espectro, tratando de fatores orgânicos ou constitutivos (ou seja, a sua *Anlage*). Para Jaspers, “a verdade reside na interconexão interna do todo significativo; sua realidade, exceto nos raros casos limítrofes (*borderline*), repousa na

¹⁵ Para Jaspers, inclusive, essa confusão entre tipos reais e tipos ideais estaria presente em propostas como os tipos psicológicos de Jung, a estrutura da personalidade de Klages e os tipos psicofísicos de Kretschmer.

emergência fragmentária do tipo” (Jaspers, 1997, p. 434). Tal diferenciação pode ser resumida na seguinte tabela:

Tabela 1: Tipo real x tipo ideal. Adaptado de Walker (2014).

Tipo real	Tipo ideal
Aparecem como frequência de ocorrência e correlação de certas categorias	Na realidade, acontecem somente como formas aproximadas
Aplicação total;	Aplicação parcial;
Não permite estados transicionais (um caso <i>é ou não é</i> desse tipo)	Permite estados transicionais (um caso se encaixa <i>mais ou menos</i> nesse tipo)
Variantes estatísticas	Casos limítrofes
Úteis para aquilo que é incompreensível (fatores orgânicos ou constitutivos)	Úteis para aquilo que é compreensível (totalidade das conexões compreensíveis, desenvolvimento)
Ex.: doenças neurológicas, paralisia geral da sífilis, psicoses orgânicas	Ex.: transtornos de personalidade, estados reativos, mania/melancolia, esquizofrenia

5.4.2. *Biografia*

Haveria ainda a possibilidade de uma investigação sistemática não de personalidades, mas de pessoas concretas. Trata-se do estudo biográfico ou biografia (*Biographik*), que, portanto, se opõe à caracterologia. Se na caracterologia nos preocupamos em encontrar algo típico que possa receber uma formulação geral através de conceitos, na biografia tentamos compreender uma pessoa concreta em sua singularidade. O foco deixa de ser a tipicidade da personalidade e se torna a unicidade

da pessoa, indivíduo expresso enquanto sua vida (também chamada de “*Bios*”) ou à sua doença (ou seja, seu “*Pathos*”). Nas palavras do autor:

A biografia sempre diz respeito a uma única e singular vida humana e a insere num contexto abrangente de conexões temporais: biologicamente, em sua hereditariedade; psicologicamente, em sua família, comunidade e sociedade; e culturalmente, numa tradição objetiva de valores (Jaspers, 1997, p. 672) – tradução própria.

Trata-se, portanto, de um estudo abrangente do homem, que sintetiza todos os coletados pelas ciências individuais ao longo da “Psicopatologia Geral”. Nesse processo, presta-se especial atenção às épocas de vida de uma pessoa (seu desenvolvimento, maturidade e envelhecimento) e às obras que ela produziu, enquanto representantes de sua visão de mundo (em alemão, *Weltanschauung*). Evidentemente, uma biografia é em si inesgotável e a função do psicopatologista seria estabelecer um recorte de interesse clínico, ou seja, na medida em que revela aspectos únicos de uma personalidade típica - como expresso pelo autor, “todo bom relato de caso se transforma em uma biografia” (Jaspers, 1997, p. 671).

Tabela 2: Caracterologia x biografia.

Caracterologia	Biografia
Tentativa de encontrar algo típico que possa receber uma formulação geral	Tentativa de compreender uma pessoa concreta em sua unicidade
Relativo à personalidade	Relativo à pessoa
Tipos ideais	<i>Bios</i> ou <i>pathos</i>
Tipologia de personalidade	Patografia

Tal método pode ser observado com maiores detalhes nas “patografias” feitas por Jaspers sobre August Strindberg e Vincent van Gogh (Jaspers, 1922). Nelas, o autor busca articular a história de vida dos artistas, suas obras e totalidades de relações, para iluminar aspectos da doença que não seriam facilmente encontrados em doentes mais típicos, justamente por sua grande capacidade intelectual e gênio artístico. Assim, a biografia do doente fornece *insights* sobre a doença em si: “o essencial só se manifesta quando observamos de maneira concreta o individual, articulamos a abordagem do problema e comparamos estabelecendo contrastes” (Jaspers, 2001, p. 7).

Outro exemplo de biografia realizada por Jaspers seria a monografia a respeito de Friedrich Nietzsche, publicada inicialmente em 1936 (Jaspers, 1965). Seu intuito era conectar a biografia de Nietzsche com suas doutrinas, para “descobrir por quais meios a personalidade e a conduta de Nietzsche poderiam ser vinculadas à possibilidade de sua produção de obras tão abrangentes e penetrantes” (Kirkbright, 2004, p. 160). Apesar de seu interesse fundamentalmente filosófico (visto que o livro em questão nasce de uma série de seminários sobre o autor), percebe-se que Jaspers não abandona totalmente a psicopatologia ou a psiquiatria aplicada: o livro começa com uma extensa biografia do filósofo, estabelecendo suas fases de vida (incluindo aqui seu adoecimento mental) como ponto de partida para compreender sua obra.

Em suma, a biografia ocupa o mais alto lugar na “Psicopatologia Geral” e, ao contrário da tipologia, que permaneceu ligada aos estudos psicopatológicos, seguiu Jaspers por toda sua trajetória intelectual (Vlasova, 2017).

5.5. Por quê Jaspers ainda importa para pensarmos personalidades?

Com isso, podemos ver que Jaspers nos oferece interessantes propostas quanto ao debate da personalização do tratamento, fundamentando seus conceitos dentro de diferentes domínios do conhecimento e os organizando hierarquicamente em relação ao todo. O esquecimento dessas lições, inclusive, nos ajuda a explicar muitas das confusões conceituais que residem na questão da personalidade e seus transtornos.

A psiquiatria contemporânea de bases operacionais (que se estabelece com a virada do DSM-III em 1980) parte do credo neo-Kraepeliniano, que sustenta a existência de doenças mentais distintas e biologicamente fundamentadas, diferenciáveis do normal, e que a psiquiatria deve se orientar por sistemas diagnósticos e classificatórios explícitos, operacionalizados por critérios padronizados e validados empiricamente (Wakefield, 2022). Ou seja, há a necessidade de uma comprovação empírica de seus achados, que, de maneira análoga à medicina somática, devem ser agregados em pirâmides de evidência, na qual no topo residem as metanálises e os ensaios clínicos randomizados e duplamente cegos.

Tendo em mente a discussão Jaspersiana, trata-se de uma busca por tipos reais que aparecem como estatisticamente significativos. Melhor ainda se esses tipos se apresentarem enquanto tipos naturais, isto é, que na base de sua recorrência haja algum substrato ou marcador biológico, que seja objetivamente diferente da normalidade estatística. Acontece que esse empirismo simplificado leva, por sua vez, a uma simplificação da psicopatologia e a sua subordinação à bioestatística, que nunca irá traduzir o indivíduo concreto.

Comete-se, assim, o erro fundamental da psicopatologia para Jaspers, que seria tomar um único método parcial pela compreensão do todo. Do ponto de vista

metodológico, no entanto, temos um problema ainda mais grave, causado pela confusão que os manuais DSM e CID fazem entre a natureza dos tipos ideais e tipo reais.

Tomemos os transtornos de personalidade, por exemplo. Classicamente, eles são divididos entre clusters de sintomas – agrupamentos que carregam semelhanças em suas apresentações clínicas e comportamentos – relacionados a “um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo” (American Psychiatric Association, 2022). Tais transtornos tem sido alvo frequente de críticas por sua falta de consistência e confiabilidade, refletida enquanto alta taxa de comorbidade (múltiplos diagnósticos), baixa confiabilidade entre pares e heterogeneidade interna e ao longo do tempo (Watson and Clark, 2023).

Diante desse impasse, a nosologia atual (isto é, as últimas edições do DSM-5-TR e da CID-11) propõe ora um estreitamento dos critérios diagnósticos (que, por sua vez, seguem funcionando como checklists de sintomas, para os quais cada entrada possui igual valor) ou a busca por modelos dimensionais, para os quais um transtorno de personalidade se justifica por mudanças perceptíveis nas características individuais, porém comuns a todas às pessoas (como sua sociabilidade ou introversão). Assim, os manuais se afastam de modelos ditos idiográficos – isto é, que compreendem eventos singulares (do grego, *idios* ou particular) – para modelos supostamente nomotéticos, que buscam a formulação de regras gerais (do grego *nomos* ou lei) (Phan et al., 2025).

Acontece que, seguindo a formulação de Jaspers, este é um falso impasse, visto que os transtornos de personalidade não são tipos reais, mas tipos ideais. Seu interesse não é estatístico, mas puramente psicopatológico. Assim, nenhuma pessoa individual (ou seja, real e empírica) pode atender prontamente aos critérios de transtorno de personalidade borderline ou histriônico, por exemplo. Isso não invalida, por sua vez, sua utilidade clínica, pois tais tipos não servem para estabelecer fronteiras fixas, mas para

fazer sentido dentro de uma diversidade de apresentações, acentuando características mais ou menos essenciais.

Por fim, Jaspers é muito ciente da insuficiência do diagnóstico (ou nosologia) como fundamentação da psicopatologia, sendo necessária uma articulação com outros todos da vida humana, como a sua constituição psicofísica (ou eidologia) e, sobretudo, a sua biografia. Na base da psicopatologia estaria, portanto, a formulação de um caso clínico ou estudo de caso, instrumento no qual todos os achados obtidos pelas diferentes ciências são resumidos numa chave hermenêutica que seria a história de vida da pessoa. Nas palavras do próprio Jaspers, “o caso individual permanece a fonte básica de tudo o que conta como experiência em psicopatologia” (Jaspers, 1997, p. 23).

De certo modo, a arte do caso clínico parece ter caído em desuso com a emergência da medicina baseada em evidências e sua predileção por escalas psicométricas e ensaios clínicos. Tal esquecimento (seja ele intencional ou não) está relacionado a críticas sobre a impessoalidade de diagnósticos e a padronização de tratamento (Andreasen, 2007). A retomada do caso clínico (e do interesse biográfico), portanto, iria ao encontro da busca pela personalização do tratamento, liberando algumas das tensões entre o impasse inevitável entre os universais e os particulares na psicopatologia. Para isso, no entanto, é preciso manter-se ciente dos limites da própria psicopatologia enquanto ciência e da inesgotabilidade do ser humano enquanto Existência.

5.6. Conclusão

Com isso, esperamos que a atualidade da “Psicopatologia Geral” de Karl Jaspers esteja justificada, ainda que muito longe de ter sido esgotada. As distinções entre pessoa e personalidade e entre os métodos biográficos e tipológicos ajudam a elucidar

conceitos que são usualmente utilizados sem muita clareza ou consistência. Ao mesmo tempo, o modelo de evolução longitudinal da personalidade como resultado de uma tensão entre determinação e indeterminação fornece uma compreensão que evita reducionismos. E a distinção entre tipos ideais e tipos reais, uma das mais geniais contribuições de Jaspers à psicopatologia, pode complexificar a discussão entre modelos nomotéticos e idiográficos na psicopatologia.

Em resumo, ao invés de excluir o debate entre a tipicidade e a personalização, Jaspers coloca ambos no centro de sua psicopatologia, pois somente através da relação dialética entre eles poderá aparecer a pessoa como um todo. A práxis psicopatológica demanda, portanto, uma articulação entre a pessoa (o sujeito único que se encontra a minha frente) e a personalidade (o tipo ideal ao qual ele se encaixa de maneira imperfeita). Essa ambiguidade então deixa de ser uma fraqueza para se tornar a força motriz do clínico que pratica a psicopatologia.

6. REAVALIANDO O “TEOREMA DA INCOMPREENSIBILIDADE” DA ESQUIZOFRENIA: UMA ABORDAGEM LONGITUDINAL

6.1. Preâmbulo

Desde que estabelecida como uma entidade nosológica no início do século XX (Bleuler, 1911), a esquizofrenia tem sido um dos mais frequentes e disputados objetos de estudo da psicopatologia. A despeito de inúmeros avanços nos últimos cem anos, muito de sua compreensão ainda permanece ligada a conceitos pouco esclarecidos, cujo aprofundamento podem contribuir para as discussões atuais. Um deles seria a respeito da suposta “incompreensibilidade” da esquizofrenia, conforme formulada por Karl Jaspers (Jaspers, 1997).

Segundo Jaspers, a experiência da esquizofrenia seria qualitativamente diferente da experiência usual compartilhada por todos, sendo apenas aproximável da vida sadia por meio de analogias ou metáforas (Jaspers, 1968, p. 1318). Para Jaspers, trata-se de uma profunda alteração na personalidade da pessoa e em toda sua consciência de realidade, o que tornaria impossível traçar cadeias de sentido e significado a partir da personalidade prévia, resultando numa atmosfera de estranheza ao encontro clínico (Jaspers, 1997, pp. 95–8). Esse suposto fosso separando as duas experiências (leia-se, patológica e sadia) será denominado, daqui em diante, de “teorema da incompreensibilidade” de Jaspers.

Tal teorema tem sido alvo frequente de questionamentos e reavaliações dentro do campo da psicopatologia, principalmente por autores que se filiam à corrente fenomenológica “estrutural” (Hoerl, 2013; Kraus, 2004; Ratcliffe, 2012; Sass and Byrom, 2015; Spencer and Broome, 2023; Stanghellini, 2013; Stanghellini and Rosfort, 2013). Entretanto, como será mais bem detalhado ao longo do capítulo, o entendimento de fenomenologia para a maioria desses autores difere fundamentalmente daquilo

descrito na *Magnum opus* de Jaspers, “Psicopatologia Geral” (Jaspers, 1997), gerando uma série de equívocos e mal-entendidos (Berrios, 1992; Messas et al., 2023).

Grande parte da crítica vinda da tradição fenomenológica abarca somente um dos aspectos possíveis de incompreensibilidade: a impossibilidade de compreensão empática que se daria num encontro imediato, transversal, com a pessoa com esquizofrenia – isto é, como veremos a seguir, em sua dimensão fenomenológica, no sentido dado por Jaspers a esse conceito (Messas, 2014). Contudo, como pretendemos defender neste trabalho, a incompreensibilidade para Jaspers pode também ser entendida (de modo coerente com a sua obra) sob uma perspectiva longitudinal – isto é, de maneira relacionada com a biografia e o desenvolvimento da personalidade da pessoa – adquirindo, com isso, novos sentidos e contornos, para além da sua limitada e criticada apreensão fenomenológica. Tal leitura mostra que o teorema da incompreensibilidade poderia ser reinterpretado, e não apenas contestado, a partir das ideias do próprio autor.

O presente estudo visa, portanto, uma releitura da obra psicopatológica de Jaspers sobre esquizofrenia, tendo em vista os múltiplos significados de incompreensibilidade para o autor, buscando-se pontos de convergência e divergência acerca do assunto numa nova proposição hermenêutica. Para tanto, dividimos a noção de incompreensibilidade em três níveis:

- (1) Um nível fenomenológico, no sentido estrito de Jaspers enquanto impossibilidade empática;
- (2) Um nível biográfico, enquanto ausência da continuidade de sentido no desenvolvimento biográfico;

- (3) E um nível existencial, enquanto impossibilidade de se apreender o todo da existência da pessoa.

A seguir, tais níveis de análise serão detalhados, sempre considerando a obra do autor como um todo. Com isso, pretendemos contribuir para uma releitura do teorema da incompreensibilidade de Jaspers que contemple a complexidade de sua obra e desfavoreça interpretações simplistas que desabonem este fecundo conceito. Ao final, pretendemos ainda lançar luz sobre aspectos pouco avaliados na psicopatologia contemporânea, mas que encontram profunda ressonância no trabalho do autor, reforçando a importância da longitudinalidade e da análise biográfica na construção de um caso clínico. Tal proposta dialoga com uma das questões mais urgentes da psicopatologia contemporânea: a diacronicidade, a evolução ou desenvolvimento de um transtorno mental ao longo do tempo. Desse modo, mostraremos que os debates propostos pela “Psicopatologia Geral” estão longe de esgotados, oferecendo *insights* que são usualmente inexplorados ou ignorados, mas profundamente relevantes (Stanghellini and Fuchs, 2013).

6.2. Primeiro nível: incompreensibilidade fenomenológica

6.2.1. O teorema da incompreensibilidade de Jaspers

Conforme veremos, a discussão acerca da suposta incompreensibilidade da esquizofrenia, sobretudo na crítica realizada pela tradição fenomenológica, gira em torno dos diferentes sentidos de fenomenologia e empatia para diferentes autores. Vejamos primeiro como tais conceitos foram abordados por Jaspers.

A primeira citação à fenomenologia na obra Jaspersiana acontece no artigo “A abordagem fenomenológica em psicopatologia” (1968), publicado originalmente em

1912, onde o autor introduz muitas das questões que apareceriam posteriormente na “Psicopatologia Geral”, publicada um ano depois. Neste prelúdio, Jaspers se mostra devedor do trabalho de Wilhelm Dilthey (Kumazaki, 2013a, 2013b) e da sua distinção entre ciências da natureza (em alemão, *Naturwissenschaften*) e ciências humanas ou do espírito (em alemão, *Geisteswissenschaften*). Enquanto as primeiras se baseariam na observação do mundo sensível para construir suas relações causais, as segundas estariam alicerçadas na vivência ou experiência vivida (em alemão, *Erlebnis*), o mundo próprio dos homens e por eles habitado (Dilthey, 2011).

Jaspers reconhece a psicopatologia como uma ciência híbrida entre esses dois métodos de investigação, que diriam respeito às diferentes maneiras como os fenômenos mentais aparecem ao clínico: externamente – observáveis através da percepção ou da racionalidade – ou internamente – atingíveis diretamente pela consciência. Assim, a fenomenologia seria um método de investigação dos eventos psíquicos internos (ou subjetivos) “por dentro”, de modo a descrever “as experiências subjetivas dos pacientes e tudo o mais que existe ou aparece dentro de seu campo de consciência” (Jaspers, 1997, p. 53). Jaspers afirma que:

[A fenomenologia] oferece uma descrição concreta dos estados psíquicos que os paciente realmente vivenciam e os apresenta para observação. Ela revisa as interrelações desses estados e delimita-os da forma mais precisa possível, diferenciando-os e criando uma terminologia adequada (Jaspers, 1997, p. 55) – tradução própria.

Para tanto, sua ferramenta fundamental seria a empatia (em alemão, *Einfühlung*). Usualmente descrita como a habilidade de compreender os sentimentos e experiências dos outros, ela se torna para Jaspers a capacidade de transferir a própria experiência para a de outra pessoa, para recriar a sua vivência. Jaspers denomina esse modo de

apreensão “compreensão” ou “psicologia compreensiva” (em alemão, *Verstehende Psychologie*), que é contraposto à explicação causal ou “psicologia explicativa” (em alemão, *Erklärende Psychologie*) típica dos métodos de investigação naturais (Jaspers, 1997, p. 301).

Não à toa, a concepção de fenomenologia para Jaspers era bastante restritiva. Enquanto a sua psicopatologia seria construída ao redor de um pluralismo metodológico, na qual a fenomenologia seria um entre muitos métodos, subordinada a outras ciências (Messas, 2023), a fenomenologia se restringiria à descrição estática de fenômenos psíquicos – em suas palavras, “um método empírico de investigação, atingido somente pela comunicação com o paciente” (Jaspers, 1997, p. 55). Seu limite, portanto, estaria naquilo que é atingível pela empatia – o que se encontra além disso seria dado como incompreensível.

Jaspers é bastante enfático em sua obra ao estabelecer que a esquizofrenia seria inacessível à empatia. Para ele, a empatia implica na coexistência em um mundo compartilhado, através da qual torna-se possível compararmos nossas vivências. Ainda no artigo de 1912, ele delimita fenômenos psicopatológicos que seriam (1) comuns a todas as vidas mentais, doentes ou sadias; (2) não necessariamente constitutivos à vida humana, mas aproximáveis a partir de variações da experiência prévia; e (3) inacessíveis pela via empática, podendo ser apenas aproximáveis por meio de metáforas ou analogias (Jaspers, 1968, p. 1318). Os últimos incluem a esquizofrenia, caracterizada por um abismo intransponível entre experiências de mundo, que tornaria a redução psicológica impossível e o transtorno, incompreensível¹⁶.

Tal incompreensibilidade estaria manifesta sobretudo no chamado “delírio primário ou próprio”, que se difere de outras ideias delirantes (como delírios de ciúmes)

¹⁶ Isso não impede, por sua vez, que se encontre na “Psicopatologia Geral” ricas descrições de alterações na consciência de si mesmo e do mundo.

por resultar de uma profunda alteração na personalidade e de toda sua consciência da realidade (Jaspers, 1997, p. 95). De maneira mais vaga, Jaspers define delírios como falsos julgamentos que:

(1) são sustentados com uma convicção extraordinárias, com uma certeza subjetiva incomparável; (2) há uma impermeabilidade a outras experiências e a contra-argumentos convincentes; (3) seu conteúdo é impossível (Jaspers, 1997, pp. 95–6) – tradução própria.

Tal definição não permite, a princípio, uma separação entre um delírio primário esquizofrênico e uma ideia delirante maníaca, por exemplo. A um nível descritivo, ambas mantêm as características de convicção, impermeabilidade e impossibilidade de conteúdo. Para isso, será necessário traçar a experiência original ao qual o julgamento se baseia. Assim, muitas ideias delirantes (em alemão, *wahnhafte Ideen*) podem ter sua origem traçada psicologicamente até certos afetos, desejos ou sentimentos encontrados na nossa própria experiência e que, portanto, fazem sentido dentro da biografia da pessoa (seria o caso, por exemplo, de um delírio de ciúmes ou mesmo da paranoia), ao passo em que o delírio primário ou delírio próprio (em alemão, *echte Wahnideen*) permanece, por essência, incompreensível.

Esse entendimento seria elaborado, décadas mais tarde, pelo psiquiatra alemão Kurt Schneider, herdeiro de Jaspers na clínica de Heidelberg, através dos chamados “sintomas de primeira ordem” (Schneider, 1959). Em seus tratados, Schneider descreve um conjunto de sinais e sintomas que teriam maior validade e especificidade para a predição de esquizofrenia, contrariando a visão Kraepeliniana de que o diagnóstico da esquizofrenia se daria em torno do curso da doença, não em suas diversas

manifestações¹⁷. De modo geral, tais sintomas estão relacionados a uma percepção global de passividade, no qual há um rebaixamento do senso de si mesmo (caracterizando um transtorno do *self*) e uma maior permeabilidade ao ambiente (fenômeno também chamado de “transitivismo”), fazendo com o que o sujeito se sinta sob controle externo (Cutting, 2015)¹⁸. Eles podem ser agrupados da seguinte maneira:

- a. Experiências alucinatórias verbais, manifestadas enquanto eco de pensamentos, vozes que conversam entre si ou vozes que comentam a ação e comportamento da pessoa;
- b. Fenômenos de passividade, que se dividem entre distúrbios formais do pensamento (como inserção, bloqueio ou transmissão de pensamentos) e experiências de influência (como influência sobre o corpo, sentimentos, impulsos ou atos volicionais); e
- c. Na chamada “percepção delirante” (em inglês, *delusional perception*), onde percepções antes tidas como normais e irrelevantes adquirem um significado privado e ilógico (Jansson, 2019).

Tais fenômenos trazem consigo (ou são antecidos por) uma vaga sensação de estranhamento e inquietação, que Jaspers chama de “humor delirante”. Ao contrário de um afeto ou emoção, que demanda uma intencionalidade de objetos, um humor é atmosférico, difuso e ausente de direcionalidade (Henriksen and Parnas, 2019). Trata-se,

¹⁷ Ironicamente, tais sintomas foram eliminados das definições de esquizofrenia nas edições mais recentes dos manuais diagnósticos CID e DSM, justamente por falta de sensibilidade e especificidade (Nordgaard et al., 2008). Ainda assim, os delírios de primeira-ordem persistem em tais manuais, classificados enquanto “delírios bizarros”.

¹⁸ Vale lembrar que os sintomas de primeira ordem não apresentam, ao menos para Schneider, um sentido psicológico intrínseco, sendo apenas preditores pragmáticos para esquizofrenia. Para uma proposta compreensiva desses fenômenos, ler Cutting (2015).

sobretudo, de uma alteração no significado da experiência do mundo como um todo, que engloba funções distintas como percepção, pensamento e consciência e na qual:

Pacientes se sentem estranhos (em alemão, *Unheimlich*; em inglês, *uncanny*) e que há algo suspeito acontecendo. Tudo adquire um *novo significado*. O ambiente está, de algum modo, diferente – [ainda que] não em um grau grosseiro – [e] a percepção em si permanece inalterada, mas há alguma mudança que envolve tudo com uma sutil, penetrante e estranhamente incerta luz (Jaspers, 1997, p. 98) – tradução própria.

Em suma, a experiência da esquizofrenia estaria intimamente ligada a uma mudança no sentido do mundo, que levaria por sua vez a experiências radicalmente distintas – como pode ser visto nas percepções delirantes e nas ideias delirantes, que surgem abruptamente, inclusive modificando a memória do indivíduo (Jaspers, 1997, pp. 98–103). Assim, a incorrigibilidade do delírio próprio estaria fundamentada nessa mudança profunda da experiência vivida, que se afastaria daquela usualmente compartilhada pelas outras pessoas – “a fonte da incorrigibilidade não pode ser encontrada em nenhum fenômeno individual, mas na situação humana como um todo” (Jaspers, 1997, p. 104).

Essas mudanças profundas, entretanto, demonstram uma clara limitação do método empático de Jaspers. Ao passo em que o ato de explicar das ciências naturais estaria limitado apenas pelas possibilidades teóricas e ferramentas disponíveis em seu tempo (sendo, portanto, ilimitado em teoria), o compreender das ciências humanas encontra seu limite na participação conjunta e na convivência em um mundo comunitário (Jaspers, 1997, p. 305). Assim, um distanciamento do significado compartilhado impede uma compreensão empática plena, tornado a esquizofrenia incompreensível. Sua investigação residiria, portanto, na exploração de suas causas somáticas, através da anatomia e da fisiologia (e, mais recentemente, da genética e

neurociência), na sua descrição fenomenológica (como suas alterações na consciência de si e do mundo) e na observação de suas manifestações objetivas, mas não em seus motivos psicológicos.

6.2.2. *Críticas ao teorema e os diferentes significados de fenomenologia e empatia*

Podemos afirmar que a maior parte das críticas ao teorema de Jaspers se deve a diferentes concepções de fenomenologia e empatia. Segundo Berrios (1992, p. 304), há diversos sentidos possíveis para fenomenologia dentro da psiquiatria, que variam entre a mera descrição de sinais e sintomas em um contexto clínico, a captura das “essências experienciais” e o entendimento idiossincrático de Jaspers, enquanto a “descrição de estados mentais de maneira empática e teoricamente neutra”. Não à toa, críticas e discordâncias ao método de Jaspers (e ao teorema da incompreensibilidade, por consequência) surgiram com o desenvolvimento do movimento fenomenológico, sobretudo naqueles autores que se filiam a uma corrente fenômeno-estrutural¹⁹.

A maioria dessas divergências está relacionada às diferentes concepções de fenomenologia para Jaspers e Husserl²⁰. De fato, Husserl é mencionado apenas uma vez no artigo de Jaspers de 1912, em uma passagem na qual ele reconhece que outros psicopatologistas, como Kandinsky, já haviam publicado livros com uma abordagem fenomenológica – embora carentes do rigor sistemático empregado por Husserl em suas pesquisas psicológicas (Jaspers, 1968, p. 1314). Na época da primeira edição da “Psicopatologia Geral”, em 1913, Husserl ainda estava desenvolvendo seu projeto fenomenológico. O próprio Jaspers reconhece ter adotado o método inicial de psicologia descritiva de Husserl, mas rejeitou sua doutrina das essências, reafirmando que a sua

¹⁹ Considera-se que a tradição da “psicopatologia fenomenológica estrutural” tem suas origens em 1922, com a divulgação dos trabalhos iniciais de Eugene Minkowski e Ludwig Binswanger, além das contribuições de Erwin Straus e Viktor von Gebattel (Tatossian, 2006).

²⁰ Na verdade, as raízes intelectuais de Jaspers estão mais relacionadas a ideias de Kant, Dilthey e Weber do que Husserl (Berrios, 2013).

fenomenologia seria apenas um método de pesquisa empírica baseado na comunicação dos pacientes (Jaspers, 1977). Em suma, a discordância entre Jaspers e Husserl sobre a fenomenologia está relacionada principalmente à rejeição da etapa eidética da pesquisa: enquanto a intenção de Husserl era buscar a essência de cada objeto de conhecimento, por meio de métodos de suspensão de pressupostos e crenças (leia-se, *epoché*) e variações imaginativas, Jaspers permaneceu enquadrado em um método de descrição rigorosa dos fenômenos mentais (Stanghellini and Aragona, 2016).

Embora reconhecidamente herdeiros do trabalho pioneiro de Jaspers, autores como Binswanger e Minkowski seguiram a posição de Husserl, entendendo a fenomenologia como a busca pelas essências e estruturas fundamentais da subjetividade (neste caso, das experiências consideradas anormais). Essa tarefa deveria ser realizada não apenas por meio da descrição detalhada de eventos psíquicos em primeira pessoa, mas também por meio do trabalho hermenêutico do clínico em relação do mundo vivido pela pessoa em questão (Messas et al., 2022; Stanghellini, 2009). Assim, torna-se necessário investigar as mudanças nas condições de possibilidade dessa subjetividade – isto é, as estruturas eidéticas e invariáveis que constituem o mundo da vida de alguém, como a temporalidade, a corporeidade, o *self*, etc. (Fuchs et al., 2019; Tatossian, 2006).

Diante dessa divergência, o conceito de empatia também assume significados contrastantes. Mesmo os primeiros autores da corrente estrutural, como Binswanger, apontaram suas limitações para a pesquisa da experiência vivida:

(...) nós não nos encontramos mais hoje ligados à oposição precária de uma vida anímica com a qual eu posso e com a qual eu não posso experimentar empatia. Ao contrário, nós possuímos um método, um instrumento científico, com o qual podemos aproximar da compreensão científica a assim chamada vida anímica impassível de ser alcançada por empatia (Binswanger, 2024, p. 81).

Na verdade, uma análise fenomenológica-estrutural mostra que tomar a empatia por garantida pode ser algo ilusório. Mesmo em casos em que a compreensão empática seria possível para Jaspers, como em delírios de perseguição, essa experiência não pode ser inequivocamente sobreposta às perseguições de uma vida “saudável”:

Nessas últimas [situações da vida saudável], por mais difícil que seja suportá-las, o perseguido e o perseguidor permanecem ainda personagens vivos. Nessas últimas, por mais difícil que seja suportá-las, o perseguido e o perseguidor permanecem ainda personagens vivos; seu papel não pode ser totalmente reduzido ao de perseguido ou perseguidor, mesmo que essas perseguições assumam formas monstruosas. Nos delírios, ao contrário, não há de modo algum personagens vivos, mas espécies de esquemas, justamente despojados de tudo que não seja perseguição, totalmente subordinados ao papel que o delírio lhes atribui (...) A convicção delirante modifica inteiramente o mundo no qual o sujeito vive (Minkowski, 2019, pp. 186–7).

Dessa forma, o desenvolvimento da fenomenologia levou a diferentes conceitos de empatia. Pode-se argumentar que a empatia Jaspersiana ainda estava relacionada a métodos de analogia ou contágio emocional (uma transferência de uma psique para outra, com base na sua experiência e capacidade reflexiva). Ao contrário, dentro da tradição fenomenológica (e sobretudo em autores contemporâneos, que dialogam mais diretamente com as ciências cognitivas), a empatia tem sido conceituada como algo próximo do ato perceptivo dos outros que evidencia a sua intencionalidade (Stein, 1989; Zahavi, 2010). Em outras palavras, trata-se de:

Para os fenomenólogos, a empatia não é para ser confundida com contágio emocional, assunção imaginativa de uma perspectiva, simpatia ou compaixão. Ao contrário, eles consideram a empatia uma forma básica, perceptiva de compreensão do outro, uma que é pressuposta e que funciona como base para outras formas mais complexas e indiretas de compreensão interpessoal (Zahavi and Gallagher, 2024, p. 333) – tradução livre.

Assim, ao reformular os conceitos de fenomenologia e empatia, a psicopatologia fenomenológica estrutural propõe um outro nível de investigação empática, denominado de “empatia radical” (Ratcliffe, 2012), “empatia de segunda ordem” (Stanghellini and Rosfort, 2013) ou “estágio de segunda-pessoa” (Messas et al., 2022). Quando diante de transtornos mais “graves”, como a esquizofrenia, a mania e a melancolia, tanto nossa compreensão empática reflexiva (aquela de Jaspers, baseada na nossa experiência prévia), quanto aquela mais básica, imediata e pré-reflexiva encontram seus limites. Assim, faz-se necessário reconstruir a estrutura do mundo-vivido da pessoa em questão, reconhecendo as singularidades existentes em suas condições de possibilidade (self, temporalidade, corporeidade, etc.) – em outras palavras, “abordar o mundo do outro como eu faria ao explorar um país desconhecido e estranho” (Stanghellini and Rosfort, 2013).

Mais recentemente, Fernandez & Stanghellini (2024) destacaram essa questão, reconhecendo que a própria investigação fenomenológica se desenvolve em quatro níveis: (1) experiências fenomenológicas (a descrição dos conteúdos explícitos ou da consciência); (2) quadros interpretativos (as ferramentas hermenêuticas usadas para dar sentido à experiência vivida); (3) modos de existência (a sintonia ou o estado de espírito característico com que o mundo nos aparece); e (4) ontológico (a investigação de estruturas invariantes ou apriorísticas da subjetividade). Esses quatro níveis seriam, portanto, um pré-requisito para se alcançar uma empatia radical ou de segunda ordem, enquanto a empatia Jaspersiana ocorreria apenas no primeiro nível²¹.

Esse passo torna possível passar de uma descrição subjetiva da esquizofrenia para uma análise estrutural, o que por sua vez evidencia os erros e limites da

²¹ Vale salientar que essa análise é restrita à fenomenologia e não contempla os subsequentes níveis de incompreensibilidade que serão discutidos adiante. Dessa forma, julgamos que a nossa proposta seria complementar a essa pesquisa.

fenomenologia Jaspersiana. Tomando-se por empréstimo a crítica de Sass, Jaspers teria cometido um equívoco ao se esquecer da diferença ontológica, pautando-se sobretudo nas características ônticas ou acidentais da doença e não na sua estrutura básica (Sass, 2019, 2013; Sass and Byrom, 2015). Assim, Jaspers não percebeu que as características que tornam tal experiência supostamente incompreensível estariam baseadas na incapacidade do indivíduo sentir-se como centro e agente de sua experiência, isto é, sua ipseidade (Feyaerts et al., 2021; Parnas and Sass, 2001; Sass et al., 2018; Sass and Parnas, 2003).

Essa empatia radical (ou a etapa estrutural) também torna possível a compreensão dos sintomas de primeira ordem de Kurt Schneider (Jansson, 2019; Nordgaard et al., 2008; Schneider, 1959). Como resultado da diminuída presença de si mesmo nas suas ações, a pessoa com esquizofrenia adquire um sentimento geral de estranhamento do mundo e uma progressiva alienação de seu próprio corpo. Aos poucos, as fronteiras entre si mesmo e o mundo vão se borrando, levando a fenômenos de passividade, como delírios de influência, inserção de pensamentos e alterações perceptivas (como alucinações auditivas) (Cutting, 2015; Fuchs, 2015)²². Delírios e alucinações seriam, assim, decorrentes do distúrbio primário do *self*, surgindo enquanto maneiras de interpretar as alterações da realidade e fazer sentido às experiências tidas como anômalas (Fuchs, 2015; Ritunnano et al., 2022).

Deve-se notar, contudo, que essa limitação não impediu Jaspers de descrever características importantes da esquizofrenia como um distúrbio do *self*. De fato, há uma seção inteira na edição posterior da “Psicopatologia Geral” onde o autor aborda a “Consciência de Si” ou modos nos quais o *self* se torna consciente de si mesmo, através de seu senso de atividade, unidade, identidade e oposição ao mundo exterior (Jaspers,

²² Como notado por Fuchs (2015), esses sintomas estariam relacionados ao que Jaspers (1997) chamou de consciência do ego (*Ich-Bewusstsein*).

1997, pp. 121–30). Tais achados são de grande importância, pois estabelecem a base para que a psicopatologia descritiva opere dentro da orientação de si, mas permanecem meramente descrições do transtorno e não devem ser equiparadas a uma análise estrutural da esquizofrenia como um transtorno de ipseidade, por exemplo.

Assim, delimita-se que aquilo que era incompreensível a nível experiencial ou fenomenológico para Jaspers (a construção do delírio próprio e a estranheza do humor delirante) pode sim ser compreendidos à luz da psicopatologia fenomenológica estrutural. Ao presente nível, o teorema de incompreensibilidade não se sustenta. Entretanto, julgamos que há mais dois níveis de incompreensibilidade que não são abordados usualmente nas críticas e que, por sua vez, seriam ainda hoje válidos e pouco comentados na obra de Jaspers: a importância da biografia na investigação clínica e o lugar da pessoa enquanto Existência.

6.3. Segundo nível: incompreensibilidade biográfica

6.3.1. Processo e desenvolvimento da personalidade

Até agora, vimos como o teorema da incompreensibilidade acontece ao nível fenomenológico, gerando uma complicada relação com a fenomenologia estrutural. Entretanto, a própria metodologia da “Psicopatologia Geral” demonstra que há diferentes níveis de compreensão de uma pessoa (Ghaemi, 2007; Messas, 2023; Stanghellini and Fuchs, 2013), o que também pode gerar diferentes níveis de compreensibilidade. Para isso, devemos primeiro abordar a estrutura do livro em si.

A metodologia pluralista de Jaspers é organizada em níveis hierárquicos, baseando-se na análise de fenômenos psicológicos individuais, tanto subjetivos, quanto objetivos. Esses fenômenos são observados e sistematizados através de diferentes metodologias e ciências particulares (entre as quais se incluem a fenomenologia), que

depois são organizados dialeticamente em um todo significativo (Messas, 2023). Sem essa etapa final, não haveria como estabelecer uma ordenação lógica e a psiquiatria seguiria em um caos metodológico. Além disso, cada nível hierárquico possui seu próprio modo de compreensão, geralmente definido como um par de opostos. Até o momento, investigamos apenas o modo de compreensão empática, relacionado à fenomenologia de Jaspers. No entanto, Jaspers também afirma que se pode falar em compreensão estática e genética, como uma oposição entre fenomenologia e psicologia compreensiva:

Compreensão estática e genética: a primeira apreende qualidades e estados psíquicos particulares como experimentados individualmente (fenomenologia); a segunda apreende a emergência de um evento psíquico a partir de outro, todo o contexto psíquico em movimento de motivos, contrastando efeitos a seus opostos dialéticos (a psicologia compreensiva) (Jaspers, 1997, p. 307) – tradução própria.

A compreensão estática e genética estão, portanto, relacionadas entre si, mas acontecem níveis diferentes: enquanto a primeira é transversal ou síncrona, a segunda é longitudinal ou diacrônica. Nesse sentido, nota-se que a crítica fenomenológica ao teorema de Jaspers foi ao menos injusta, visto que a compreensão, para ele, não é apenas um ato de empatia, capturado imediatamente pelo clínico, mas também um trabalho hermenêutico que requer uma abordagem longitudinal²³. Essa “crítica da crítica” torna-se mais evidente ao se discutir a questão da biografia.

Segundo Jaspers, a biografia é um modo de investigação cujo objeto é a vida (*bios*) como um todo (1997, p. 557). Uma análise biográfica visa unificar temporalmente, numa chave de sentido, os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e

²³ Jaspers também concebe compreensão e interpretação como modos de trabalho hermenêutico intimamente relacionados (Jaspers, 1997, p. 307). Essa ênfase destaca a influência de Dilthey sobre Jaspers, apesar das importantes diferenças entre os conceitos de empatia dos dois autores (Kumazaki, 2013a, 2013b).

culturais da vida de uma pessoa, unindo a maior quantidade de materiais biográficos possível, como histórias, relatórios clínicos, testes de performance etc. (Jaspers, 1997, p. 672). Portanto, numa análise biográfica, observa-se uma alternância entre as diferentes ciências individuais listadas por Jaspers – por exemplo, o método fenomenológico descritivo coexiste com investigações objetivas, como testes de desempenho ou mesmo a análise complexa das expressões e produções literárias de um indivíduo. Não à toa, esse método estaria intimamente ligado à construção de um caso clínico – “todo bom histórico de caso se transforma em uma biografia” (Jaspers, 1997, p. 671).

O ponto de corte da imensidão de materiais biográficos, dentro do interesse do psicopatologista, seria a doença (ou patologia) em si, sendo esse método portanto denominado de “patografia”. Na construção de uma patografia, busca-se compreender o curso da doença e as variações psíquicas que podem acontecer de forma aguda (como ataques, fases e surtos) ou crônica (Jaspers, 1997, p. 687). Aos últimos, Jaspers diferencia entre momentos de ruptura e continuidade na vida da pessoa, chamados respectivamente de processo e desenvolvimento de personalidade.

Jasper inaugura tal diferenciação em seu artigo de 1910, onde avalia quatro casos clínicos de pessoas com delírios de ciúmes (Jaspers, 1910), sendo mais tarde aprofundada ao longo das sete edições da “Psicopatologia Geral”. Um processo seria marcado pelo aparecimento de um novo fator em um breve período, sem uma causa conhecida, que modifica o todo da personalidade da pessoa, enquanto o desenvolvimento seria observável (e, portanto, compreensível) ao longo da sua história:

[Um processo seria] o aparecimento de um novo fator que pode ser localizado dentro de um breve período de tempo; o acompanhamento disso por uma série de sintomas conhecidos; a ausência de qualquer causa precipitante ou de qualquer experiência suficiente para explicar o início. Ao contrário, nós falamos em desenvolvimento da personalidade na medida em

que formos capazes de compreender o que se desenvolveu dentro da estrutura total da história de vida em todas as suas categorias, pressupondo sempre uma base de efeitos biológicos (Jaspers, 1997, p. 702) – tradução própria²⁴.

Entender o que Jaspers denomina por alterações irreversíveis na evolução da personalidade não é uma tarefa fácil, necessitando uma articulação entre diferentes níveis compreensivos. O autor define personalidade como “a totalidade individualmente diferente e característica de conexões significativas em qualquer vida psíquica” (Jaspers, 1997, p. 428), estando assim intimamente ligada à análise das cadeiras de sentido na vida de uma pessoa (ou seja, psicologia compreensiva). Em seu núcleo, encontraríamos uma disposição específica (em alemão, *Anlage*), que funcionaria como um terreno comum para as experiências que ocorrem ao longo da vida (Jaspers, 1997, p. 703).

Ao contrário, na esquizofrenia o processo psicopatológico se opõe a essa *Anlage*, resultando em reduções na compreensibilidade (como no caso da perplexidade inicial diante da psicose) e até mesmo na completa fragmentação da personalidade – uma mudança que pode ser notada inclusive pelo próprio paciente (Jaspers, 1997, p. 447). Vale ressaltar, no entanto, que mesmo essa diferenciação não é tão inequívoca quanto parece: o próprio Jaspers reconhece a dificuldade de identificar um ponto de partida de um processo paranoide, ou mesmo que fenômenos “neuróticos” graves, como os transtornos obsessivo-compulsivos, situam-se na fronteira entre processo e desenvolvimento (Jaspers, 1997, p. 705).

²⁴ Ainda dentre os processos, haveria aqueles de causa indiscutivelmente orgânica (caso de demências e doenças cerebrais) e aqueles de origem psíquica, como nos casos esquizofrenia, cujas causas ainda não estariam estabelecidas.

6.3.2. *Continuidade de sentido e incompreensibilidade biográfica*

Para ilustrar o presente nível de incompreensibilidade, tomemos por exemplo algumas das patografias publicadas por Jaspers. No livro “*Strindberg und Van Gogh*” (Jaspers, 2001), ele analisa a evolução de quatro artistas de grande gênio artístico e capacidade intelectual e que sofreram, em algum momento de suas vidas, com esquizofrenia, de modo que o processo de adoecimento corresponda a uma mudança de estilo em suas obras. São eles, o dramaturgo sueco August Strindberg, o teólogo sueco Emanuel Swedenborg, o poeta alemão Friedrich Hölderlin e o pintor neerlandês Vincent Van Gogh. Seu intuito é investigar tais obras enquanto uma janela para a compreensão da experiência vivida dessas pessoas, o que não seria tão facilmente observável na clínica, investigando a relação entre loucura e genialidade (Jaspers, 2001, p. 246). Ao longo do livro, Jaspers torna manifesto como há momentos de ruptura na vida da pessoa (ou seja, no desenvolvimento de sua personalidade) que só se tornam compreensíveis quando se toma a doença como fator precipitante. Isso se torna mais evidente no caso Strindberg, que Jaspers analisa em maiores detalhes.

Tido como um dos pioneiros do teatro moderno, August Strindberg tem o seu adoecimento psicótico bem documentado ao longo de suas obras, sobretudo no livro “*Inferno*”, publicado inicialmente em 1898 (Strindberg, 2010). Progressivamente isolado dos amigos e familiares em Paris, Strindberg vai sendo tomado por uma atmosfera de estranheza, na qual o mundo adquire uma diferente qualidade: rostos surgem em meio a objetos, acontecimentos e coisas parecem interrelacionados e o mundo gira em torno do narrador-personagem. Em determinado momento, o dramaturgo relata diferentes experiências psicóticas, incluindo alucinações sensoriais diversas – como correntes elétricas que circulavam o seu corpo (Strindberg, 2010, pp. 114, 121) ou a consciência de presenças corporizadas em lugares que frequentava

(Strindberg, 2010, p. 119)²⁵. Para todas elas, o autor traz uma explicação delirante primária, de que estaria sendo alvo de um amplo complô. Em suas palavras:

Agora, ouço lá em cima uma roda que durante o dia inteiro gira sem parar. Tenho a firme impressão de estar condenado à morte! Por quem? Pelos russos, os devotos, os católicos, os jesuítas, os teósofos! (Strindberg, 2010, p. 118).

Trata-se evidentemente de um quadro psicótico primário, no qual Strindberg é envolvido por uma atmosfera de estranhamento com o mundo – característica do humor delirante conforme descrito por Jaspers. Não à toa, leituras na chave fenomenológica-estrutural podem ser realizadas tomando por base a etapa transcendental Husserliana. Binswanger, por exemplo, analisou como a corporeidade de Strindberg se encontrava profundamente perturbada (Bloc et al., 2016). Diante da já citada limitação do método empático, Jaspers recusa uma via interpretativa para tais fenômenos psicóticos, mas permanece de seu interesse avaliar como o adoecimento teria modificado aspectos mais profundos da personalidade do escritor, incluindo sua visão de mundo (Jaspers, 2001, pp. 120–30).

Ao início comprometido com causas progressistas (como a democracia e o sufrágio universal), Strindberg se torna progressivamente um defensor da aristocracia e um antifeminista. Também se modifica sua relação com a religião, passando de ateu materialista para um místico-religioso, ao passo em que se nota um gradual desinteresse do mundo factual, interessando-se predominantemente por assuntos do transcendente em relação ao imanente. Em suma, Strindberg vai se tornando mais solipsista e idiossincrático no seu modo de ser, inclusive ao ponto de mudar frequentemente de pontos de vista:

²⁵ Jaspers deixa claro que faltam, no entanto, alguns dos sintomas mais típicos de esquizofrenia, como alucinações auditivas de vozes.

É difícil perceber algo [em suas obras] que possa ser chamado de ideia (...) pelo contrário, ocupam um primeiro plano os formalismos, as dúvidas e os combater, a afirmação fanática e consequentemente a mudança infundável de concepções de mundo (Jaspers, 2001, p. 121) – tradução própria.

Tal maneira de se relacionar com o mundo vai ao encontro do estudo de Stanghellini & Ballerini (2007) sobre os valores de pessoas com esquizofrenia. Neste artigo, os autores identificaram um sentimento nuclear de “excentricidade ontológica”: uma recusa em aceitar significado, valores e crenças convencionais e um direcionamento a um modo único e singular de viver. Esse sentimento estaria exposto em dois valores centrais: *antagonomia* – uma escolha por se distanciar das regras do senso comum e assumir uma posição excêntrica diante de suposições comumente compartilhadas (dando origem a preocupações metafísicas e ontológicas sobre o estado e o significado do mundo) – e *idionomia* – um sentimento radical de singularidade e excepcionalidade que uma pessoa tem da sua própria lei interna, em relação ao senso comum e às outras pessoas.

Também podemos notar uma mudança no estilo das obras do pintor neerlandês Vincent Van Gogh com o início de sua doença: de 1888 até sua morte por suicídio em 1890, nota-se uma progressiva decomposição de traços e a perda da forma geral dos objetos, ao passo em que se sucedem crises físicas e psicóticas (Jaspers, 2001, pp. 212–7). Assim, o surgimento dos primeiros sintomas de esquizofrenia daria vazão a uma outra sensibilidade e percepção do ambiente, algo não compartilhado entre os pares da sua época, mas que seria por sua vez seguido como tendência dentre os artistas subsequentes.

Ambos os artistas compartilham, portanto, uma estrutura de processo ao longo de sua biografia, à medida em que há uma ruptura de sentido. No entanto, seriam tais rupturas equivalentes? Segundo Alonso-Fernandez:

Para reconhecer (...) a presença ou ausência de um significado coerente em um dado ou presente estado psíquico, não é necessário examinar a vida psíquica atual, buscando uma possível conexão significativa, tarefa própria da psicologia compreensiva Jaspersiana, mas sim investigar minuciosamente a relação entre o estado psíquico presente e a totalidade do desenvolvimento histórico-vital (Alonso Fernández, 1968, p. 196) – tradução própria.

Nesse sentido, o psiquiatra espanhol (inspirado pelas ideias de Kurt Schneider), estabelece que um processo pode ser avaliado de duas maneiras: na vida psíquica atual, buscando conexões de sentido (em alemão, *Sinnzusammenhang*) e na totalidade do desenvolvimento histórico vital, buscando uma continuidade de sentido (em alemão, *Sinngesetzlichkeit* ou *Sinnkontinuität*)²⁶. Ambas são importantes na análise e definição de um processo, sendo a primeira mais “transversal” (uma vez que avalia as cadeias de sentido no surgimento do fenômeno) e a segunda mais “longitudinal” (a continuidade de sentido é avaliada em sua história biográfica).

Assim, no caso de Strindberg, temos um rompimento longitudinal na continuidade de sentido: surgem aspectos novos na personalidade que parecem descontínuos ao desenvolvimento prévio. Já em Van Gogh, a ruptura transversal seria na conexão de sentido: não há qualquer outro fator naqueles anos de intensa produção artística que justifiquem ou tornem “compreensíveis” as mudanças de estilo, salvo a eclosão da psicose.

²⁶ No difícil processo de tradução, optou-se por “conexões de sentido” (*Sinnzusammenhang*), ao invés de “conexões significativas” (*verständliche Zusammenhänge*). Acreditamos que a primeira expressão destaca a diferenciação proposta por Alonso-Fernandez, enquanto a segunda remete diretamente ao uso que Jaspers faz do termo na “Psicopatologia Geral”.

6.4. Terceiro nível: incompreensibilidade existencial

Há, por fim, um terceiro nível de incompreensibilidade, que não estaria restrito à esquizofrenia, mas seria compartilhado por todas as pessoas num sentido filosófico. Isso se dá pois, em última análise, sempre haverá aspectos de uma pessoa que se mantêm incompreensíveis. Essa noção, contudo, só foi formalmente introduzida após a quarta edição da “Psicopatologia Geral” (lançada em 1946), enquanto Jaspers estava imerso em seu projeto de filosofia existencial e mais consciente dos limites do conhecimento científico. Para fins didáticos, o presente nível comprime três tipos de compreensão que não são totalmente alcançáveis pela psicologia como ciência: um nível espiritual ou cultural (que inclui padrões de ideias, imagens e símbolos); um nível existencial (o indivíduo expresso como liberdade) e um nível metafísico (que se relaciona à investigação do próprio Ser) (Jaspers, 1997, pp. 307–10).

Em diversas passagens, Jaspers frisa que a compreensão do todo humano nunca é plenamente atingível e que o ser humano como totalidade é inexaurível:

a psicopatologia é limitada na medida em que não pode haver uma análise final dos seres humanos como tais, pois quanto mais os reduzimos ao que é típico e normativo, mais percebemos que há algo oculto em cada indivíduo humano que desafia o reconhecimento (Jaspers, 1997, p. 1). Assim, a unidade e o todo complexo de uma vida individual nunca é nada além de uma ideia (Jaspers, 1997, p. 673) – tradução própria.

Conforme se passam de níveis, também se afasta daquilo que pode ser chamado de científico. Jaspers define ciência como “o conhecimento que é válido e convincente, (...) baseado em métodos que são projetados deliberadamente e que podem ser testados por qualquer pessoa (...) e que podem ser demonstrados e provados” (Jaspers, 1997, p. 768). Entretanto, conforme se direciona à imponderabilidade da biografia e o indivíduo,

o processo de investigação se torna mais evasivo e irreplicável. O conhecimento do todo de uma pessoa é indemonstrável do ponto de vista científico e deve ser abordado pela filosofia, através da iluminação existencial (Jaspers, 1997, p. 776). Assim, aquilo que é “incompreensível do aspecto existencial apresenta a si mesma enquanto uma liberdade, que se revela em decisões livres, numa apreensão de significados absolutos” (Jaspers, 1997, p. 309).

Esse último nível, portanto, questiona a especificidade da esquizofrenia dentro da incompreensibilidade, de modo que essa se torna assim um aviso geral sobre os riscos de se procurar compreender essencialmente e completamente uma pessoa. Mesmo com pluralismo metodológico, que visa apreender a pessoa pelos mais diversos pontos de vista possíveis, esse todo não pode ser alvo da psicopatologia. Ao mesmo tempo, o psiquiatra deve lidar com o todo da pessoa e precisa dialogar com a natureza dual da doença mental, equilibrando-se entre a ciência (aquilo que é sistemático e conceitual) e a arte, baseada na sua experiência clínica.

6.5. *Discussão*

Mais do que um manual de psiquiatria, a “Psicopatologia Geral” é um guia pelos diversos caminhos da psicopatologia (Ghaemi, 2007). Na obra, Jaspers não nos ensina psiquiatria clínica, nem sequer uma metodologia específica, mas aborda as diversas possibilidades de seu tempo de se fazer uma prática coesa. Mais de cem anos depois, encontramos-nos ainda cercados pelos mesmos problemas de ordem epistemológica, divididos entre visões de mundo científicas e humanistas que nem sempre convergem entre si (Messas et al., 2023). Não à toa, vem crescendo um apelo por uma metodologia pluralista e integrativa, fortemente inspirada por Jaspers, que mantenha as especificidades e riquezas de cada campo (Aftab, 2024; Stein et al., 2024).

É dentro deste contexto que o teorema da incompreensibilidade (e o presente artigo, por consequência) se situa. Ao pensar sobre a esquizofrenia, Jaspers não está preocupado em delimitar seu diagnóstico ou modelos de tratamento, como se a impossibilidade de compreensão empática tivesse intrinsecamente um valor nosológico, mas por um ponto de vista epistemológico e ético.

Assim, torna-se problemático reduzir o teorema da incompreensibilidade de Jaspers a um único aspecto de sua obra, no caso, o encontro clínico imediato e sua relação com a fenomenologia. A presente análise mostra como a “Psicopatologia Geral” testa a ideia de incompreensibilidade em diferentes níveis, através de diferentes metodologias – todas as quais devem fazer parte do arsenal do psiquiatra. Isso dito, a proposta de divisão em três níveis de incompreensibilidade facilita o entendimento sobre a questão, como sintetizado na tabela abaixo:

Tabela 3: Níveis e sentidos de incompreensibilidade para Karl Jaspers.

Nível	Experiencial	Biográfico	Existencial
<i>Ferramenta de pesquisa</i>	Fenomenologia.	Patografia.	Filosofia existencial.
<i>Nível de análise</i>	Transversal.	Longitudinal.	Transcendental.
<i>Alvo de pesquisa</i>	Empatia.	Vida ou <i>Bios</i> .	Existência.
<i>O que é incompreensibilidade?</i>	Ausência de compreensão empática.	Ausência de sentido no desenvolvimento de uma personalidade.	Impossibilidade global de apreender o ser humano como um todo.
<i>Sentido da incompreensibilidade</i>	Limitação.	Demarcação.	Aviso ético.
<i>Compreensão da esquizofrenia</i>	Esquizofrenia é uma doença incompreensível (suas manifestações	Esquizofrenia é sinônimo de incompreensibilidade (aquilo que não pode ser compreendido	Esquizofrenia se encontra equiparada a qualquer outra forma de

clínicas são fechadas à empatia).	biograficamente, só pode ser explicado pela doença).	existência, que não pode ser plenamente compreendida.
-----------------------------------	--	---

Em suma, no primeiro nível, temos uma compreensão fenomenológica da pessoa, cuja ferramenta fundamental seria a empatia. Assim, incompreensibilidade seria uma impossibilidade empática e, portanto, uma limitação ao contato clínico. Dizer que a esquizofrenia seria uma doença incompreensível significa reiterar que suas manifestações clínicas e experiência-vivida estariam fechadas à empatia – o que traria problemas de dimensões éticas e epistêmicas. Esse nível tem sido, de maneira coerente e justa, contestado pela tradição fenomenológica estrutural, através de uma reforma no conceito de empatia (em direção a uma empatia radical ou de segunda ordem) e na investigação das estruturas fundamentais do transtorno. Contudo, o segundo nível nos abre outra possibilidade de análise psicopatológica, ao ter como alvo a biografia da pessoa. Ao invés de uma análise exclusivamente transversal e imediata, temos como foco a longitudinalidade e a evolução clínica. Assim, a incompreensibilidade seria a ausência de continuidade ou conexão de sentido no desenvolvimento de uma personalidade, ressaltando a importância de uma abordagem longitudinal da doença. Finalmente, o terceiro nível seria o mais comum e visa a própria Existência. Nele, a incompreensibilidade se torna um alerta global sobre a impossibilidade de apreender o ser humano em sua totalidade a partir de teorias científicas exclusivas. Aqui, a esquizofrenia deixa de ter um caráter único e se equivale a todas as outras experiências possíveis, postulando que: a Existência como um todo não pode ser objeto da psiquiatria.

Jaspers frisa como, a cada nível de compreensibilidade, nos afastamos da ciência (ou seja, daquilo que é geral e demonstrável) para a filosofia (aquilo que é particular e irreplicável). Se a ciência da psicopatologia fenomenológica estrutural demonstra a possibilidade de compreensão da esquizofrenia em geral, ela encontra seu limite naquilo que é particular. A incompreensibilidade passa então de uma limitação para um aviso, demarcando novamente o espaço da ciência e da filosofia e servindo como remédio contra ideias totalizantes e positivistas – um problema da medicina já apontado pelo próprio autor em meados do século XX (Jaspers, 1989).

Uma importante ressalva deve ser feita. Para fazer justiça às intenções de Jaspers, é essencial ressaltar que a presente divisão em três níveis não é absoluta. De fato, cada nível de incompreensibilidade não elimina completamente o anterior. Pelo contrário, a própria estrutura da “Psicopatologia Geral” implica que cada nível subsequente incorpora aspectos do anterior, estabelecendo uma síntese dialética (Messas, 2023). Assim, a presente divisão não é nem absoluta, nem estática. Ao contrário, é complexa, marcada pela interação mútua dos diferentes níveis – um aspecto que consideramos não como uma fraqueza, mas como uma força, totalmente coerente com o princípio metodológico de Jaspers de restrição mútua entre as ciências.

Nesse contexto, acreditamos que o presente trabalho oferece contribuições relevantes para o debate contemporâneo, particularmente ao apontar para o renovado interesse na longitudinalidade (ou diacronicidade) em psicopatologia. Parece haver um consenso de que o diagnóstico por si só é insuficiente para determinar o tratamento psiquiátrico personalizado (McGinty et al., 2024; The Lancet Psychiatry, 2022), tornando imperativo o desenvolvimento de melhores ferramentas para orientar a tomada de decisões em caracterizações clínicas complexas (Maj, 2020; Maj et al., 2021; Sampogna et al., 2022). Dentre essas ferramentas, destacam-se as recentes tentativas de

integrar sinais e sintomas psicopatológicos a fatores de risco, personalidade e estadiamento (Leucht et al., 2024; Nelson et al., 2020; Dan J. Stein et al., 2022).

Isso passa necessariamente pela caracterização de um caso clínico, uma tradição que parece há muito esquecida e subvalorizada dentro da pirâmide de evidências. Um bom caso clínico depende, como exposto por Jaspers, da habilidade de se construir uma biografia de maneira coesa, integrando dados obtidos por diferentes matrizes e metodologias. Ao demonstrar que não há um único método totalizante para a exploração de fenômenos psíquicos e que é necessário integrar diferentes achados em um todo significativos, Jaspers reconhece a natureza complexa dos transtornos mentais, sem perder o rigor científico em sua análise.

Assim, se o teorema da incompreensibilidade pode ser contestado no nível fenomenológico, ele pode ser recuperado no nível biográfico e existencial, fazendo dele não uma regra absoluta, mas um aviso sobre o contato de uma alteridade radicalmente diferente.

7. DISCUSSÃO

O presente trabalho procurou analisar criticamente o legado de Karl Jaspers para a psicopatologia contemporânea, de modo a demonstrar a relevância de alguns de seus conceitos e discussões para a renovação de um paradigma em saúde mental. A relação de Jaspers com a psiquiatria contemporânea (nisto incluindo a tradição fenomenológica) é marcada por diversos momentos de aproximação e afastamento – para não dizer que, em muitos casos, seus conceitos e problemas são ignorados ou negligenciados. Vale a pena resgatarmos algumas dessas questões, abordando resumidamente as contribuições que Jaspers teria ao debate contemporâneo.

Do ponto de vista histórico, a maior contribuição de Jaspers à psicopatologia não estaria na invenção de algum método novo (embora possamos traçar a origem do método fenomenológico até o seu artigo de 1912), mas na organização e no esclarecimento epistemológico de cada ciência particular. A “Psicopatologia Geral” serve então como a obra fundadora do campo da filosofia da psiquiatria – campo este que se encontra mais fértil do que nunca e que ainda se serve de muitas das discussões trazidas por Jaspers, como vimos ao longo do texto (Stanghellini and Fuchs, 2013). Dentro desse campo, podemos apontar que uma lição fundamental de Karl Jaspers à psiquiatria contemporânea reside na sua metodologia pluralista e dialética.

Recentemente, diante da crise dos modelos categoriais como a CID e o DSM, temos visto um renovado interesse em novas ontologias e metodologias pluralistas, que abarquem de alguma forma a complexidade do adoecimento mental sem reducionismos biológicos (Aftab, 2024; Aftab et al., 2026, 2024; Ghaemi, 2007; Dan J. Stein et al., 2022; Stein et al., 2024). Tais iniciativas, sem dúvidas, compartilham a crítica de Jaspers aos preconceitos somáticos e mitologias cerebrais, assim como seu espírito de

humildade epistêmica, resumido na máxima: “devemos manter a mente aberta para toda possibilidade empírica e nos protegermos da tentação de reduzir a existência humana a um único denominador” (Jaspers, 1997, p. 6). Entretanto, não podemos classificá-las como herdeiras diretas de Jaspers, por não serem guiadas por uma forte noção de totalidade e por ignorarem o componente dialético da obra Jaspersiana.

Como vimos anteriormente (Messas, 2023), a noção de dialética guia a estrutura da “Psicopatologia Geral”, ao permitir que os limites de cada ciência particular (como os limites entre o explicar e o compreender) sejam mutuamente restritos. Nessa dialética, os opostos não se anulam, mas se encontram numa síntese (ou suprassunção), que se dá no ser humano como um todo. Assim, o ser humano surge como um ser contraditório, ao mesmo tempo biológico e histórico, sem que isso caia numa refutação. Ao mesmo tempo, Jaspers mantém uma forte noção de totalidade, que guia o estudo das partes individuais, tal como acontece no círculo hermenêutico – ainda que essa totalidade não seja alcançável ao nível da ciência. Sem essas duas ferramentas (a dialética e a hermenêutica), as tentativas pluralistas correm o risco de caírem num ecletismo desarticulado, na qual as tensões que constituem o ser humano se dissolvam ou se anulem, perpetuando os erros da psiquiatria atual.

Indo além, o presente trabalho não tratou da “Psicopatologia Geral” como uma obra única e isolada no pensamento de Jaspers, como parece acontecer a muitos que fazem uma leitura estritamente psicopatológica do autor (leitura essa que ignora que Jaspers seguiu editando novas versões do livro, muito depois de ter abandonado a prática psiquiátrica). Pelo contrário, buscou-se o tempo todo correlacioná-la com suas obras filosóficas, evidenciando que o pensamento de Jaspers não é fragmentário, mas atravessado por uma continuidade de temas que se expressa, em última instância, em um profundo respeito pela pessoa em sua individualidade e unicidade.

Essa leitura abrangente de Jaspers, que toma por base o seu próprio método biográfico ao articular suas obras à sua vida, permitiu desmistificar alguns mal-entendidos que ainda hoje persistem no ensino da psicopatologia. O primeiro deles diz respeito à influência de Husserl e ao lugar de Jaspers enquanto “pai-fundador” da psicopatologia fenomenológica. Como foi explicitado em outros capítulos, a fenomenologia de Jaspers e Husserl compartilham pouco mais do que o mesmo nome. Em suma, ambas visam a descrição de fenômenos da consciência e recusam explicações naturalistas sobre ela. No entanto, a fenomenologia de Husserl investiga as estruturas invariantes da experiência (formulando uma ciência transcendental), enquanto a fenomenologia de Jaspers visa apenas a descrição dos relatos dos pacientes (permanecendo assim uma ciência empírica). Na verdade, as influências intelectuais de Jaspers remetem de maneira muito mais direta e consistente às obras de Wilhelm Dilthey (ou ainda, Max Weber), embora carregue diferenças com ela – Jaspers não é um mero leitor ou comentador de Dilthey, mas um pensador autônomo, com suas próprias contribuições originais.

Assim, o diálogo entre a “Psicopatologia Geral” e a Psicopatologia Fenomenológica ganha em complexidade, o que nos ajuda a esclarecer o segundo mal-entendido, a respeito do suposto “teorema de incompreensibilidade”. Grande parte da (justificada) crítica da tradição fenomenológica-estrutural à impossibilidade de compreensão da esquizofrenia é devido diferentes conceitos de empatia. Assim, enquanto a esquizofrenia era tida como incompreensível para Jaspers por não haver maneira de aproximá-la empaticamente da experiência saudável, ela se torna compreensível para autores como Binswanger e Minkowski por meio da reconstrução do mundo da vida e das estruturas pré-reflexivas da experiência. Entretanto, a Psicopatologia Fenomenológica parece ter dado pouca atenção a outros níveis em que

essa incompreensibilidade aconteceria: do ponto de vista biográfico, enquanto uma ruptura nas conexões e na continuidade de sentido no desenvolvimento de uma personalidade, e do ponto de vista existencial, que alerta da impossibilidade de se compreender qualquer pessoa em sua totalidade.

Tais resultados demonstram que a psicopatologia de Karl Jaspers é intrinsecamente ligada às ideias de longitudinalidade e biografia. Somente através da análise detida da história de vida de uma pessoa, avaliando suas fases e crises, suas relações interpessoais e suas obras, podemos chegar a uma noção de totalidade clinicamente útil. Assim, podemos dizer que Jaspers é responsável pela historicização do sujeito na psicopatologia.

Evidentemente, foi Kraepelin o responsável pelo interesse majoritário no curso da doença (sua evolução ao longo do tempo), em detrimento de seu quadro clínico (sua apresentação imediata). Acontece que, para Kraepelin, essa história pessoal ainda era vista como uma mera sucessão de fatos e eventos a serem causalmente explicados. Sua psicopatologia ainda se mantinha dentro de uma epistemologia cerebralista, na qual mudanças fisiológicas no cérebro explicariam as mudanças no indivíduo – ou seja, a psiquiatria ainda era subordinada à neurologia. Com Jaspers, entretanto, a biografia se aproxima da História enquanto disciplina, sendo compreendida como um fluxo contínuo de sentido na vida da pessoa (Messas, 2025). Essa ênfase nos aspectos interpretativos ou hermenêuticos (que novamente evidenciam a influência de Dilthey sobre o autor) pode ser percebida ainda em seus primeiros escritos psicopatológicos, anteriores à 1913 (Jaspers, 1963).

É um erro comum da psicopatologia (inclusive da vertente fenomenológica) ignorar o desenvolvimento longitudinal de uma pessoa e atentar-se apenas ao que está acontecendo no presente momento. Tomando por base a virada operacional da

psiquiatria a partir da publicação do DSM-III em 1980, temos hoje um interesse quase exclusivo na transversalidade do encontro clínico, resumido em um *checklist* diagnóstico, ao passo em que a longitudinalidade se expressa em janelas temporais um tanto quanto arbitrárias (por ex., na presença de determinados sintomas por duas semanas ou dois meses). Um retorno à Jaspers pode significar um renovado interesse na construção de casos clínicos ou mesmo na elaboração de patografias, que ultrapassem o mero diagnóstico (Jutel and Russell, 2023). Nessa linha, podemos inserir recentes narrativas de doenças, como “*The center cannot hold*” de Elyn Saks (sobre esquizofrenia), “*The glass castle*” de Jeannette Walls (sobre depressão) e “*An unquiet mind*” de Kay Redfield (sobre transtorno afetivo bipolar).

Ainda assim, esse rico método biográfico apresenta suas limitações – por exemplo, Messas (2025) é bastante crítico de sua aplicação nas patografias Jaspersianas. Para ele, Jaspers teria sido demais restrito ou comedido em suas análises de doentes, ao não lançar mão de seus próprios conceitos expostos na “Psicopatologia Geral”. Seu erro fundamental seria enxergar a longitudinalidade (tal como Kraepelin) enquanto um fato linear – “como se a estrutura dessa temporalidade maturacional fosse uma e a mesma ao longo de todo o trajeto”. Isto é, Jaspers toma a temporalidade em todas as fases da vida (digamos, juventude e maturidade) como se fosse a mesma e, pior ainda, como se a própria eclosão da doença não trouxesse mudanças a essa mesma temporalidade. Assim, Jaspers não consegue sintetizar nas suas próprias biografias aquilo que aspirava enquanto sistematizador na “Psicopatologia Geral”.

Nesse sentido, a própria ideia de uma medicina narrativa está sob risco de manter-se difusa entre inúmeras vertentes, à parte de uma integração com a clínica. Caso isso aconteça, a narratividade manter-se-á apenas de interesse artístico ou estético, mas pouco poderá contribuir para o desenvolvimento clínico. Uma possível saída seria

promover uma maior integração das biografias com a Psicopatologia Fenomenológica, o que pode trazer à luz aspectos da experiência que se mantinham escondidos, como a própria análise detida da temporalidade sugerida por Messas. No entanto, as próprias patografias Jaspersianas (reconhecidamente incompletas e insuficientes diante das propostas do próprio autor) abrem possibilidades para posteriores desenvolvimentos.

Nas patografias, Jaspers não age como um psiquiatra, mas como um historiador, cuja ferramenta não seria a observação clínica, mas as obras produzidas pelo sujeito. Seu método não é fenomenológico, mas compreensivo – busca produzir uma psicologia da criatividade. É através das biografias de artistas e das suas obras, compreendidas enquanto a expressão de sua vida interior, que podemos atingir sua visão de mundo. Assim, o início da esquizofrenia – compreendida enquanto um processo, o surgimento de um fato biograficamente novo – modifica seus interesses e valores, transformando por consequência suas obras. Isso pode ser demonstrado na breve análise da patografia de August Strindberg, na qual a eclosão da doença resulta numa reorientação da sua visão de mundo em direção a valores mais transcendentais e excêntricos.

Não obstante, uma vez que essas obras tocaram, de alguma forma, o *Zeitgeist* contemporâneo, é possível estabelecer um mútuo esclarecimento entre a psicopatologia e os estudos culturais. Uma proposta semelhante pode ser encontrada na obra de Louis Sass, que em “Loucura e modernismo” afirma: “meu propósito central é usar esses fenômenos estéticos e culturais como uma vida de esclarecimento da loucura” (Sass, 2025, p. 12). Assim, a esquizofrenia guardaria certas afinidades com a arte moderna do início do século XX, como uma tendência à hiperreflexividade sobre seu próprio fazer, uma fragmentação da totalidade e um progressivo estranhamento do mundo. Sobre essa confluência entre loucura e cultura no século XX, Jaspers escreve:

Vivemos em uma época da imitação artificial, da transformação de toda espiritualidade em empresa e instituição, da simples vontade comum uma forma de existência (...) Será que, nesses tempos, a esquizofrenia seja a pré-condição para a autenticidade, em áreas que, em outras épocas, poderiam ser vividas e representadas de forma autêntica, sem recorrer à esquizofrenia? (Jaspers, 2001, pp. 259–60) – tradução própria.

Evidentemente, a obra de Jaspers parte de um ponto de vista mais patologizante (uma vez que as patografias partem da premissa de que os próprios artistas sofreram com psicose) e não apresenta uma análise fenomenológica-estrutural, mas é possível enxergar as patografias como sementes para uma psicopatologia mais complexa, que ultrapassa a questão do diagnóstico e do prognóstico. Assim, abrem-se caminhos para investigações futuras: De que forma a temporalidade modifica o sujeito em sua patologia? E, analogamente, que formas patológicas surgirão com a evolução temporal da cultura? Isso porque, a despeito das inúmeras edições e revisões da “Psicopatologia Geral”, o legado de Karl Jaspers é um projeto ainda em aberto.

8. CONCLUSÃO

Uma pesquisa sobre a história da ciência (campo ao qual este trabalho se insere, de maneira geral) deve sempre justificar a escolha do seu objeto de estudo. Essa escolha pode ser por um conceito, que teria sua evolução traçada na forma de uma genealogia, mas pode ser também por um determinado autor, que terá sua obra analisada sobre um recorte específico. Nesse caso, a relevância do autor precisa ser mensurada, seja do ponto de vista historiográfico (o autor precisa ser “canônico”, um forte representante de uma tradição) ou epistemológico (os seus conceitos e formulações precisam ter validade na contemporaneidade). Isso permite identificar processos de continuidade e rupturas históricas, ampliando o leque de compreensão da ciência atual. Como tem sido exposto, Karl Jaspers se encaixa em ambas as categorias.

Ao longo do presente trabalho, Jaspers foi tratado não como um ponto isolado na história da psiquiatria, de interesse marginal para a clínica atual, mas como se fosse ele mesmo um autor contemporâneo, respondendo às mais prementes questões do campo. E, se isso acontece, não seria por deméritos da psiquiatria (que não conseguiu ultrapassar questões que permanecem em aberto há mais de um século), mas por méritos do próprio Jaspers. Seu olhar aguçado e analítico, aliado à sua erudição e formação filosófica, permitiu-lhe enxergar os fundamentos e limites dessa prática, que permanecem inalcançáveis até hoje. Não obstante, a psiquiatria, em sua essência dualista, afasta-se da medicina somática e das demais ciências positivas, de modo com que a sua historiografia adquire outros contornos da história da medicina. Sobre esse assunto, o próprio Jaspers afirma:

Nas ciências naturais, as contribuições mais antigas são, em sua maioria, puramente de interesse histórico. Elas são desatualizadas e não se pode aprender nada mais através delas. Já nas ciências humanas, as obras mais importantes, além de seu valor puramente histórico, possuem um valor duradouro que jamais poderá ser superado. Esse contraste entre o significado histórico de um estudo e seu exercício atual é novamente sublinhado de forma clara na própria psiquiatria. (...) Em contraste com o pesquisador em medicina somática, o psicopatologista não pode prescindir do estudo das obras mais importantes dos primórdios, ciente de que aprenderá com elas o que não se encontra nos livros mais recentes, ou pelos menos não tão bem expresso. Por experiência, descobrirá que um único psiquiatra de destaque lhe proporcionará uma leitura mais proveitosa do que toda a vasta literatura existente (Jaspers, 1997, p. 845) – tradução própria.

Por isso, como afirmado em diferentes momentos, é um erro enxergar a “Psicopatologia Geral” como um mapa para diagnósticos e tratamentos a ser lido por estudantes e tomado por eles acriticamente. Trata-se de uma obra sobre o fazer do psiquiatra, um farol que introduz o leitor aos problemas e métodos da psicopatologia e que, ao contrário de um manual que pode ser esgotado com a expertise clínica, torna-se cada vez mais interessante com o avançar da profissão. Esse grau de indeterminação e abertura da obra é intencional, uma vez que ele alude ainda à incognoscibilidade do ser humano (que sempre terão uma liberdade que foge ao conhecimento científico) e à psicopatologia como um todo. Nas palavras de Jaspers:

Tal integração não é como um mapa, mas como um plano para explorar uma terra. Mas, ao contrário do país geográfico, o homem como um todo não está lá para nós o conhecermos. Sua existência se diferencia da de qualquer objeto pelo fato de que, em toda a natureza, somente ele é livre. (...) Ao final, nenhuma forma básica de vida humana empiricamente emerge. Em vez disso, o próprio ser humano permanece uma questão em aberto, assim como o nosso conhecimento sobre ele (Jaspers, 1997, p. 749) – tradução própria.

Diante da magnitude da “Psicopatologia Geral”, é comum que autores e professores façam recortes sobre passagens individuais, de modo que muitas vezes a visão do todo é perdida. Tal leitura fragmentária leva a uma série de equívocos e mal-entendidos, que acabam sendo perpetuados ao longo do tempo. O presente trabalho visou esclarecer alguns deles, como o seu estatuto enquanto fundador da Psicopatologia Fenomenológica. Ao longo do texto, buscou-se resgatar sobretudo a herança de Dilthey sobre Jaspers, em detrimento de Husserl, o que faz com que a sua psicopatologia seja muito mais hermenêutica do que fenomenológica.

Buscou-se ainda trazer à tona alguns fundamentos que guiam a obra Jaspersiana, ainda hoje válidos para a construção de uma psiquiatria complexa e competente. Em suma: (1) a necessidade de sistematização epistemológica, organizada em torno de um pluralismo metodológico dialético; (2) a importância da biografia e da longitudinalidade, de forma que surge um sujeito histórico na psicopatologia; e (3) a humildade epistêmica diante dos fenômenos mentais, expressa nos limites da compreensão e na incognoscibilidade final do ser humano. Esses três *Leitmotiv* estão presentes a todo tempo no seu pensamento e são chave de leitura fundamental para apreender sua visão sobre personalidade e esquizofrenia, por exemplo. Não somente, sem uma compreensão abrangente desses fundamentos, qualquer leitura da “Psicopatologia Geral” se torna cambaleante.

Assim, propõe-se uma leitura hermenêutica da obra Jaspersiana, através de uma constante articulação entre parte e todo e uma fusão de horizontes com aquele do autor. Jaspers surge então como um pensador incontornável, que delimitou as regras do jogo da psicopatologia – uma espécie de Kant, que numa “crítica à razão psicopatológica”, determina o que podemos saber, fazer e esperar dessa ciência ainda hoje incipiente. A

criação de um novo paradigma de saúde mental deve, portanto, passar por uma leitura atenta de sua obra.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aftab A. Psychiatry and the critical landscape. In: Aftab A, editor. *Conversations in critical psychiatry*. Oxford: Oxford University Press; 2024. <https://doi.org/10.1093/med/9780192870322.003.0001>.

Aftab A, Banicki K, Ruffalo ML, Frances A. Psychiatric diagnosis: a clinical guide to navigating diagnostic pluralism. *J Nerv Ment Dis* 2024;212:445–54. <https://doi.org/10.1097/NMD.0000000000001791>.

Aftab A, Wright AGC, Rodriguez-seijas C, Benjamin L, Clark LA, Forbes MK, et al. Examining the foundational assumptions of the Hierarchical Taxonomy of Psychopathology. *Philos Psychiatry, Psychol* 2026:0–19. <https://doi.org/10.1353/ppp.0.a985726>.

Alonso Fernández F. *Fundamentos de la psiquiatría actual*. Madrid: Paz Montalvo; 1968.

American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.). Washington: American Psychiatric Association Publishing; 2022. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425787>.

Andreasen NC. DSM and the death of phenomenology in america: an example of unintended consequences. *Schizophr Bull* 2007;33:108–12. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbl054>.

Aragona M. The influence of Max Weber on the concept of empathic understanding (Verstehen) in the psychopathology of Karl Jaspers. *Hist Psychiatry* 2019;30:283–99. <https://doi.org/10.1177/0957154X19845309>.

Arendt H. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras; 2008.

Baiasu R, Messas G. Contextualising mental health: interdisciplinary contributions to a new model for tackling social differences and inequalities in mental healthcare. *Philos Psychol* 2025;38:246–66. <https://doi.org/10.1080/09515089.2024.2384592>.

Barry E. The ‘Nation’s Psychiatrist’ Takes Stock, With Frustration. *The New York Times*. 2022 Feb 22 [cited 2026 Apr 11]. Available from: <https://www.nytimes.com/2022/02/22/us/thomas-insel-book>.

Berrios GE. Jaspers and the first edition of *Allgemeine Psychopathologie*. *Br J Psychiatry* 2013;202:433. <https://doi.org/DOI: 10.1192/bjp.bp.112.123646>.

Berrios GE. Phenomenology, psychopathology and Jaspers: a conceptual history. *Hist Psychiatry* 1992;3:303–27. <https://doi.org/10.1177/0957154X9200301103>.

Binswanger L. *Psicoterapia e análise existencial: ensaios, conferências e outros documentos*. Rio de Janeiro: Via Verita; 2024.

Bleuler E. *Dementia Praecox or the Group of Schizophrenias*. 1st Edition. New York: International Universities Press; 1911.

Bloc L, Pita J, Moreira V, Wolf-Fedida M. O caso de August Strindberg : (re) visitando a patografia de Jaspers e a análise fenomenológica de Binswanger. *Psicol Clínica* 2016;28:133–48. <https://doi.org/S0103-56652016000200008>.

Bormuth M. Karl Jaspers. In: Stanghellini G, Broome M, Raballo A, Fernandez AV, Fusar-Poli P, Rosfort R, editors. *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2019. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803157.013.12>.

Brea G. Preâmbulos para uma Psicopatologia Geral: : Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia. *Trilhas Filosóficas* 2025;18:239–64. <https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7572>.

Cerbone DR. *Fenomenologia*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2014.

Cutting J. First rank symptoms of schizophrenia: their nature and origin. *Hist Psychiatry* 2015;26:131–46. <https://doi.org/10.1177/0957154X14554369>.

Dalgalarondo P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2019.

Danziger K. *The Social Origins of Modern Psychology*. 1979.

Dilthey W. *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita; 2011.

Dilthey W. Os tipos de concepção de mundo. *LusoSofia Press* 1992:1–59.

Fernandez AV, Stanghellini G. Comprehending the whole person: on expanding Jaspers' notion of empathy. In: Mishihara A, Corlett PR, Kranjec A, Schwartz MA, Moskalewicz M, editors. *Phenomenological neuropsychiatry - how patient experience bridges the clinic with clinical neuroscience*. Cham: Springer; 2024. https://doi.org/10.1007/978-3-031-38391-5_7.

Feyaerts J, Henriksen MG, Vanheule S, Myin-Germeys I, Sass LA. Delusions beyond beliefs: a critical overview of diagnostic, aetiological, and therapeutic schizophrenia research from a clinical-phenomenological perspective. *The Lancet Psychiatry* 2021;8:237–49. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30460-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30460-0).

Fuchs T. From self-disorders to ego disorders. *Psychopathology* 2015;48:324–31. <https://doi.org/10.1159/000432404>.

Fuchs T, Messas GP, Stanghellini G. More than just description: phenomenology and psychotherapy. *Psychopathology* 2019;52:63–6. <https://doi.org/10.1159/000502266>.

Fulford KWM, Stanghellini G, Sadler JZ. Ordinary language and life-world philosophies: toward the next generation in philosophy and psychiatry. *Philos Psychiatry Psychol* 2022;29:1–4. <https://doi.org/10.1353/ppp.2022.0000>.

Fusar-Poli P, Estradé A, Stanghellini G, Venables J, Onwumere J, Messas G, et al. The lived experience of psychosis: a bottom-up review co-written by experts by experience and academics. *World Psychiatry* 2022;21:168–88. <https://doi.org/10.1002/wps.20959>.

Ghaemi SN. *The concepts of psychiatry: a pluralistic approach to the mind and mental illness*. Baltimore: Johns Hopkins University Press; 2007.

Henriksen MG, Parnas J. Delusional Mood. In: Stanghellini G, Broome M, Raballo A, Fernandez AV, Fusar-Poli P, Rosfort R, editors. *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2019. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803157.013.72>.

Hoerl C. Jaspers on explaining and understanding in psychiatry. In: Stanghellini G, Fuchs T, editors. *One century of Karl Jaspers' General Psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2013. <https://doi.org/10.1093/med/9780199609253.003.0008>.

Husserl E. *Psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental: textos selecionados (1927-1935)*. Petrópolis: Editora Vozes; 2022.

Husserl E. A filosofia como ciência de rigor. *Rev Estud Univ - REU* 2021;1. <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4585>.

Husserl E. *A ideia da fenomenologia: cinco lições*. Petrópolis: Editora Vozes; 2020.

Jansson L. First-rank symptoms of schizophrenia. In: Stanghellini G, Broome M, Raballo A, Fernandez AV, Fusar-Poli P, Rosfort R, editors. *The Oxford handbook of phenomenological psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2019. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803157.013.70>.

Jaspers K. *The idea of the university*. Norderstedt: Creative Media Partners; 2021a.

Jaspers K. *The origin and goal of history*. New Haven: Yale University Press; 2021b.

Jaspers K. *A questão da culpa: a Alemanha e o nazismo*. São Paulo: Todavia; 2018.

Jaspers K. *Genio artístico y locura: Strindberg y Van Gogh*. Barcelona: Acantilado; 2001.

Jaspers K. *General psychopathology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press; 1997.

Jaspers K. The physician in the technological age. *Theor Med* 1989;10:251–67. <https://doi.org/10.1007/BF00489443>.

Jaspers K. *Philosophische Autobiographie: Erweiterte Neuauflage*. München: Piper; 1977.

Jaspers K. The phenomenological approach in psychopathology. *Br J Psychiatry* 1968;114:1313–23. <https://doi.org/10.1192/bjp.114.516.1313>.

Jaspers K. *Psicología de las concepciones del mundo*. Madrid: Revista de Occidente; 1967.

Jaspers K. Nietzsche: an introduction to the understanding of his philosophical activity. Tucson: University of Arizona Press; 1965.

Jaspers K. *Gesammelte Schriften zur Psychopathologie*. 1. Auflage. Berlin, Heidelberg: Springer-Verlag; 1963. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-642-62027-0>.

Jaspers K. *Philosophie*. Berlin, Heidelberg: Springer; 1956.

Jaspers K. *Caminhos para a sabedoria: uma introdução à vida filosófica*. Petrópolis: Vozes; 1953.

Jaspers K. Eifersuchtswahn. *Zeitschrift Für Die Gesamte Neurol Und Psychiatr* 1910;1:567–637. <https://doi.org/10.1007/BF02895947>.

Joober R, Tabbane K. From the neo-kraepelinian framework to the new mechanical philosophy of psychiatry: Regaining common sense. *J Psychiatry Neurosci* 2019;44:3–7. <https://doi.org/10.1503/jpn.180240>.

Jutel A, Russell G. Past, present and imaginary: pathography in all its forms. *Health (London)* 2023;27:886–902. <https://doi.org/10.1177/13634593211060759>.

Kaufmann W. Existentialism from Dostoevsky to Sartre. *Philos Phenomenol Res* 1957;18:279. <https://doi.org/10.2307/2104403>.

Kidd IJ, Spencer L, Carel H. Epistemic injustice in psychiatric research and practice. *Philos Psychol* 2022;00:1–29. <https://doi.org/10.1080/09515089.2022.2156333>.

Kirkbright S. *Karl Jaspers: a biography: navigations in truth*. New Haven: Yale University Press; 2004.

Kraus A. The significance of empathy for the diagnosis of schizophrenia and melancholia. *Compr Arch Int Pour l'Anthropologie La Psychopathol Phénoménologiques* 2004;14.

Kumazaki T. The theoretical root of Karl Jaspers' General Psychopathology. Part 1: Reconsidering the influence of phenomenology and hermeneutics. *Hist Psychiatry* 2013a;24:212–26. <https://doi.org/10.1177/0957154X13476201>.

Kumazaki T. The theoretical root of Karl Jaspers' General Psychopathology. Part 2: The influence of Max Weber. *Hist Psychiatry* 2013b;24:259–73. <https://doi.org/10.1177/0957154X13482833>.

Larsen RR, Maschião LF, Piedade VL, Messas G, Hastings J. More phenomenology in psychiatry? Applied ontology as a method towards integration. *The Lancet Psychiatry* 2022;9:751–8. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(22\)00156-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(22)00156-0).

Leucht S, van Os J, Jäger M, Davis JM. Prioritization of psychopathological symptoms and clinical characterization in psychiatric diagnoses: a narrative review. *JAMA Psychiatry* 2024;81:1149–58. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2024.2652>.

Maj M. Beyond diagnosis in psychiatric practice. *Ann Gen Psychiatry* 2020:1–6. <https://doi.org/10.1186/s12991-020-00279-2>.

Maj M, Os J Van, Hert M De, Gaebel W, Galderisi S, Green MF, et al. The clinical characterization of the patient with primary psychosis aimed at personalization of management. *World Psychiatry* 2021;11:4–33. <https://doi.org/10.1002/wps.20809>.

McGinty EE, Alegria M, Beidas RS, Braithwaite J, Kola L, Leslie DL, et al. The Lancet Psychiatry Commission: transforming mental health implementation research. *The Lancet Psychiatry* 2024;11:368–96. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(24\)00040-3](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(24)00040-3).

Messas G. A dialética interrompida: uma análise da biografia como categoria central na psicopatologia de Karl Jaspers. *Psicopatol Fenomenol Contemp* 2025;14:239–60. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i2.1230>.

Messas G. How and why psychiatry still needs Karl Jaspers: a dialectical account. *Rev Latinoam Psicopatol Fundam* 2023;26. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e230312>.

Messas G. O sentido da fenomenologia na Psicopatologia Geral de Karl Jaspers. *Psicopatol Fenomenol Contemp* 2014;3:23–47. <https://doi.org/https://doi.org/10.37067/rpfc.v3i1.1015>.

Messas G, Fukuda L, Fulford KWM. The dialectics of altered experience: how to validly construct a phenomenologically based diagnosis in psychiatry. *Front Psychiatry* 2022;13. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.867706>.

Messas G, Fulford BKWM. Three dialectics of disorder: refocusing phenomenology for 21st century psychiatry. *The Lancet Psychiatry* 2021;8:855–7. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(21\)00357-6](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(21)00357-6).

Messas G, Stanghellini G, Fulford KWMB. Phenomenology yesterday, today, and tomorrow: a proposed phenomenological response to the double challenges of contemporary recovery-oriented person-centered mental health care. *Front Psychol* 2023;14:1240095. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1240095>.

Minkowski E. *Além do Racionalismo Mórbido*. São Paulo: Escuta; 2019.

Musse R. Apontamentos sobre o nascimento da sociologia. *Blog Da Boitempo* 2012 [cited 2026 Apr 11]. Available from: <https://blogdaboitempo.com.br/2012/11/23/apontamentos-sobre-o-nascimento-da-sociologia>.

Nelson B, McGorry P, Fernandez A. Integrating clinical staging and phenomenological psychopathology to add depth, nuance and utility to clinical phenotyping: a heuristic challenge. *The Lancet Psychiatry* 2020;8(2):162–168. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30316-3](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30316-3).

Nordgaard J, Arnfred SM, Handest P, Parnas J. The diagnostic status of first-rank symptoms. *Schizophr Bull* 2008;34:137–54. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbm044>.

Parnas J. The RDoC program: psychiatry without psyche? *World Psychiatry* 2014;13:46–7. <https://doi.org/10.1002/wps.20101>.

Parnas J, Sass LA. Self, solipsism, and schizophrenic delusions. *Philos Psychiatry, & Psychol* 2001;8:101–20. <https://doi.org/10.1353/ppp.2001.0014>.

Phan Le Vy, Modersitzki Nick, Kuper Niclas, Beckmann Nadin, Fajkowska Malgosia, Gollwitzer Mario, et al. Beyond nomothetics and idiographics: towards a systematization of personality research approaches. *Eur J Pers* 2025;39:233–53. <https://doi.org/10.1177/08902070241301633>.

Ratcliffe M. Phenomenology as a form of empathy. *Inquiry* 2012;55:473–95. <https://doi.org/10.1080/0020174X.2012.716196>.

Ritunnano R. Overcoming hermeneutical injustice in mental health: a role for critical phenomenology. *J Br Soc Phenomenol* 2022;53:243–60. <https://doi.org/10.1080/00071773.2022.2031234>.

Ritunnano R, Kleinman J, Whyte Oshodi D, Michail M, Nelson B, Humpston CS, et al. Subjective experience and meaning of delusions in psychosis: a systematic review and qualitative evidence synthesis. *The Lancet Psychiatry* 2022;9:458–76. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(22\)00104-3](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(22)00104-3).

Ritunnano R, Papola D, Broome MR, Nelson B. Phenomenology as a resource for translational research in mental health: methodological trends, challenges and new directions. *Epidemiol Psychiatr Sci* 2023;32. <https://doi.org/10.1017/S2045796022000762>.

Rother ET. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paul Enferm* 2007;20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

Sampogna G, Falkai P, Gondek T, Fiorillo A. Editorial: New trends in psychiatric research: Toward the clinical characterization of the individual case and the personalization of treatments. *Front Psychiatry* 2022;13:1042536. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.1042536>.

Sass L. Loucura e modernismo: insanidade à luz da arte, da literatura e do pensamento modernos. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita; 2025.

Sass L. Three dangers: phenomenological reflections on the psychotherapy of psychosis. *Psychopathology* 2019;52:126–34. <https://doi.org/10.1159/000500012>.

Sass L, Borda JP, Madeira L, Pienkos E, Nelson B. Varieties of self disorder: a bio-pheno-social model of schizophrenia. *Schizophr Bull* 2018;44:720–7. <https://doi.org/10.1093/schbul/sby001>.

Sass LA. Explanation and description in phenomenological psychopathology. *J Psychopathol* 2014;20:366–76.

Sass LA. Jaspers, phenomenology, and the “ontological difference.” In: Stanghellini G, Fuchs T, editors. *One century of Karl Jaspers’ General Psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2013. <https://10.1093/med/9780199609253.003.0007>.

Sass LA, Byrom G. Self-disturbance and the bizarre: on incomprehensibility in schizophrenic delusions. *Psychopathology* 2015;48:293–300. <https://doi.org/10.1159/000437210>.

Sass LA, Parnas J. Schizophrenia, consciousness, and the self. *Schizophr Bull*

2003;29:427–44. <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.schbul.a007017>.

Schmidt LK. *Hermenêutica*. Petrópolis: Editora Vozes; 2014.

Schneider K. *Clinical psychopathology*. New York: Grune & Stratton; 1959.

Spencer L, Broome M. The epistemic harms of empathy in phenomenological psychopathology. *Phenomenol Cogn Sci* 2023. <https://doi.org/10.1007/s11097-023-09930-1>.

Stanghellini G. The ethics of incomprehensibility. In: Stanghellini G, Fuchs T, editors. *One century of Karl Jaspers' General Psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2013, p. 166–81. <https://doi.org/10.1093/med/9780199609253.003.0012>.

Stanghellini G. The meanings of psychopathology. *Curr Opin Psychiatry* 2009;22:559–64. <https://doi.org/10.1097/YCO.0b013e3283318e36>.

Stanghellini G, Aragona M. phenomenological psychopathology: toward a person-centered hermeneutic approach in the clinical encounter. In: Stanghellini G, Aragona M, editors. *An experiential approach to psychopathology: what is it like to suffer from mental disorders?* Cham: Springer; 2016, p. 1-43. https://doi.org/10.1007/978-3-319-29945-7_1.

Stanghellini G, Ballerini M. Values in persons with schizophrenia. *Schizophr Bull* 2007;33:131–41. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbl036>.

Stanghellini G, Fuchs T. *One Century of Karl Jaspers' General Psychopathology*. Oxford: Oxford University Press; 2013. <https://doi.org/10.1093/med/9780199609253.001.0001>.

Stanghellini G, Rosfort R. Empathy as a sense of autonomy. *Psychopathology* 2013;46:337–44. <https://doi.org/10.1159/000353273>.

Stein DJ, Nielsen K, Hartford A, Gagné-Julien A-M, Glackin S, Friston K, et al. Philosophy of psychiatry: theoretical advances and clinical implications. *World Psychiatry* 2024;23:215–32. <https://doi.org/10.1002/wps.21194>.

Stein Dan J., Shoptaw SJ, Vigo D V., Lund C, Cuijpers P, Bantjes J, et al. Psychiatric diagnosis and treatment in the 21st century: paradigm shifts versus incremental integration. *World Psychiatry* 2022;21:393–414. <https://doi.org/10.1002/wps.20998>.

Stein Dan J, Shoptaw SJ, Vigo D V, Lund C, Cuijpers P, Bantjes J, et al. Psychiatric diagnosis and treatment in the 21st century: paradigm shifts versus incremental integration. *World Psychiatry* 2022;21:393–414. <https://doi.org/10.1002/wps.20998>.

Stein E. *On the problem of empathy*. Washington: ICS Publications; 1989.

Strindberg A. *Inferno*. São Paulo: Hedra; 2010.

Tamura JS, Messas GP. Esquizofrenia em Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger: sobre a perda do contato vital com a realidade e a excentricidade. *Psicopatol Fenomenol Contemp*. 2023;12:52–73. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i1.1137>.

Tatossian A. *A fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta; 2006.

The Lancet Psychiatry. Shifting paradigms. *The Lancet Psychiatry* 2022;9:525. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(22\)00210-3](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(22)00210-3).

The Lancet Psychiatry. The things themselves. *The Lancet Psychiatry* 2021;8:169. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(21\)00033-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(21)00033-X).

Thomas J, Kneale D, McKenzie JE, Brennan SE, Bhaumik S. Determining the scope of the review and the questions it will address. In: Higgins JPT, Thomas J, Chandler J, Cumpston M, Li T, Page MJ, Welch VA, editors. *Cochrane handbook for systematic reviews of interventions*. 2nd ed. Chichester: Wiley; 2019. pp. 13-31. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/9781119536604.ch2>.

Thornhill C, Miron R. Karl Jaspers. In: Zalta EN, editor. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* [Internet]. Stanford: Stanford University; 2022 [cited 2026 Apr 11]. Available from: <https://plato.stanford.edu/entries/jaspers>.

Vlasova O. The biographical approach in Karl Jaspers' work: from philosophy of life to autobiography. *Cont Philos Rev* 2017;50. <https://doi.org/10.1007/s11007-016-9403-3>.

Wakefield JC. Klerman's "credo" reconsidered: neo-Kraepelinianism, Spitzer's views, and what we can learn from the past. *World Psychiatry* 2022;21:4–25. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/wps.20942>.

Walker C. Karl Jaspers on the disease entity: Kantian ideas and Weberian ideal types. *Hist Psychiatry* 2014;25:317–34. <https://doi.org/10.1177/0957154X14530817>.

Walker C. Karl Jaspers as a Kantian psychopathologist: II. The concept of form and content in Jaspers' psychopathology. *Hist Psychiatry* 1993;4:321–48. <https://doi.org/10.1177/0957154X9300401502>.

Watson D, Clark LA. Comorbidity and heterogeneity: two challenges for personality pathology research. *Personal Disord* 2023;14:39–49. <https://doi.org/10.1037/per0000586>.

WHO. *World mental health report: transforming mental health for all*. Geneva: World Heal Organ 2022;1–260.

Wiggins O, Schwartz M. Chris Walker's Interpretation of Karl Jasper's Phenomenology: A Critique. *Philos Psychiatry Psychol* 1995;2:319–43.

Zahavi D. *Phenomenology the Basics*. London: Routledge; 2018.

Zahavi D. Empathy, Embodiment and interpersonal understanding: From Lipps to Schutz. *Inquiry* 2010;53:285–306. <https://doi.org/10.1080/00201741003784663>.

Zahavi D, Gallagher S. *A mente fenomenológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Via Verita; 2024.

RESUMO

Diante da crise paradigmática na qual se encontra a psiquiatria, evidenciada pela recusa de modelos excessivamente naturalistas e pela necessidade de personalização do cuidado em saúde mental, torna-se necessário retomar alguns autores clássicos da psicopatologia, como o psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers. O presente trabalho busca resgatar alguns conceitos do autor que tenham relevância atual, ressaltando seu interesse pela biografia do paciente. Essa noção longitudinal de doença, em oposição à transversalidade da nosologia psiquiátrica atual, encara o ser humano em sua complexidade, legando melhores métodos para a prática psiquiátrica. Para tanto, destaca-se a importância da longitudinalidade e da análise biográfica dentro de sua obra-máxima, a “Psicopatologia Geral”. Essa noção será exposta, sobretudo, na distinção entre processo (compreendido enquanto uma ruptura nas conexões de sentido que acontecem na vida de uma pessoa) e desenvolvimento de uma personalidade (contrariamente, como a continuidade de sentido biográfico). Com isso, ressalta-se a atualidade da obra de Jaspers e sua relevância para a construção de um novo paradigma em saúde mental.

ABSTRACT

Given the paradigmatic crisis in which psychiatry finds itself, evidenced by the rejection of excessively naturalistic models and the need for personalized mental health care, it becomes necessary to revisit some classic authors of psychopathology, such as the German psychiatrist and philosopher Karl Jaspers. This work seeks to recover some of the author's concepts that have current relevance, highlighting his interest in the patient's biography. This longitudinal notion of illness, in opposition to the transversality of current psychiatric nosology, considers the human being in its complexity, bequeathing better methods for psychiatric practice. To this end, the importance of longitudinality and biographical analysis within his magnum opus, "General Psychopathology," is highlighted. This notion will be expounded, above all, in the distinction between process (understood as a rupture in the connections of meaning that occur in a person's life) and the development of a personality (conversely, as the continuity of biographical meaning). Thus, the relevance of Jaspers' work and its importance for the construction of a new paradigm in mental health are emphasized.

APÊNDICES

DECLARAÇÃO DE INEXIGIBILIDADE DE COMITÊ DE ÉTICA

São Paulo, 04 de julho de 2024

Eu, Guilherme Peres Messas, na qualidade de orientador de mestrado em Ciências da Saúde do aluno Valter Luiz Piedade Neto, declaro que as atividades previstas no projeto “*A experiência da esquizofrenia: fenomenologia, valores e visão de mundo*” não envolvem experimentação ou pesquisa com pessoas e/ou animais, seja de forma direta ou indireta, tratando-se de um estudo de revisão de literatura científica pré-existente e divulgada em domínio público. Conforme consta em Resolução CNS nº 510 de 07 de abril de 2016:

Art. 1º. Parágrafo único: Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

- I – Pesquisa de opinião pública com participantes não identificáveis;
- II – Pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº. 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- III – Pesquisa que utilize informações de domínio público;
- IV – Pesquisa censitária;
- V – Pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual; e
- VI – Pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica.

Desse modo, declaro que o projeto em questão se encontra isento de submissão no sistema CEP/CONEP e avaliação do comitê da instituição vinculante.

Atenciosamente



Prof. Dr. Guilherme Peres Messas